

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Instituto de Artes

CAIQUE DA SILVA SALGADO

CIDADE E APRENDIZAGEM: uma caminhada pela didática do cotidiano urbano

São Paulo
2024

CAIQUE DA SILVA SALGADO

CIDADE E APRENDIZAGEM:

uma caminhada pela didática do cotidiano urbano

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Artes Visuais, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rita Luciana Berti Bredariolli e co-orientação do Prof^o Levi Fernando Lopes Vieira Pinto.

São Paulo
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S164c Salgado, Caique da Silva (CK Ferreira), 2000-

Cidade e aprendizagem : uma caminhada pela didática do cotidiano urbano / Caique da Silva Salgado. -- São Paulo, 2024.
71 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredarolli.

Coorientador: Prof. Me. Levi Fernando Lopes Vieira Pinto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Ensino. 3. Didática. 4. Cidades e vilas. 5. Espaços públicos. 6. Aprendizagem. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Pinto, Levi Fernando Lopes Vieira, 1991-. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

CAIQUE DA SILVA SALGADO

CIDADE E APRENDIZAGEM:
uma caminhada pela didática do cotidiano urbano

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Artes Visuais, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rita Luciana Berti Bredariolli e co-orientação do Prof^o Levi Fernando Lopes Vieira Pinto.

Dissertação aprovada em: 25 / 11 / 2024

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes Unesp — Orientadora

Prof^o Levi Fernando Lopes Vieira Pinto
Instituto de Artes Unesp — Co-orientador

Prof^o Caio Netto dos Santos
Instituto de Artes Unesp

*Para Robson,
que me ensinou sobre a beleza
das mudanças da vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Iraci, cujas batalhas diárias para cuidar de mim são o motivo de eu estar aqui hoje. Agradeço por sua vida e por tudo que fez e continua a fazer por mim.

À minha madrinha, Dirce, por todo o carinho e dedicação em me amar como um segundo filho.

Ao professor Levi — sem você, esse trabalho não existiria. Obrigado por uma orientação tão cuidadosa, divertida e carinhosa. Seu encorajamento me fez seguir em frente em momentos que pensei em desistir.

À professora Rita, por confiar na minha capacidade e autonomia em seguir essa pesquisa, mas acima de tudo, pelas aulas de Didática que inspiraram todo esse trabalho.

Às amigas que conheci nessa caminhada no Instituto de Artes, agradeço pela companhia e pelos diversos momentos de felicidade que me fizeram sentir-me vivo como nunca antes.

Às amigas que trago da vida escolar, por continuarem comigo não importa quanto tempo e distância apareçam entre nós. Seu apoio é inestimável e meu amor por vocês é indescritível.

À todos os professores que fizeram parte da minha educação: obrigado por serem minha inspiração e por tornarem minha experiência de aprendizagem em uma memória afetuosa. Sempre os guardarei com imenso carinho e gratidão em meu coração. Em especial, ao professor Robson Duarte, cujas aulas de arte no meu Ensino Médio me fizeram decidir me arriscar na licenciatura em artes. Obrigado por me ensinar a acreditar nos meus sonhos, não importa quantos sejam, ou o quanto mudem.

À todos os professores que conheci nessa breve trajetória como professor: parabéns por toda a dedicação e perseverança em tempos desafiadores. Que esses desafios nunca nos tirem o sonho de uma educação libertadora para todos.

*Esse encantamento, deslumbre, afetação com o mundo produz inquietações,
reflexões, produções, caminhos,
trajetos, percursos, trajetórias de destino ignorado,
inscrições na minha existência.
(Trindade, 2008, p. 1)*

RESUMO

Caminhando pelas ruas da cidade, observamos a vida acontecendo e nos deparamos com situações que nos fazem refletir sobre nós mesmos e o mundo que percorremos. Nesse cenário, o presente trabalho tem por objetivo explorar a forma que a vivência na cidade atinge o terreno da aprendizagem, percorrendo as ruas do cotidiano, do pertencimento e da afetividade, que se cruzam neste terreno como as linhas de um mapa. É apresentada então a ideia de uma didática própria do cotidiano urbano, que se baseia em ideias de tradução e criação para pensar um ensino que abraça as diversas realidades que compõem o espaço escolar. A pesquisa parte do estudo de textos sobre as temáticas do cotidiano, cidade e educação, este último tendo foco na área de didática; além do resgate de referências sobre estes assuntos no universo da música, cinema e literatura. Com esse trabalho, conclui-se que a aprendizagem se aflora quando o ensino está contextualizado no cotidiano dos alunos e professores, revelando a potencialidade criativa dessa abordagem.

Palavras-chave: didática do cotidiano; cidade e afetividade; cotidiano urbano.

ABSTRACT

Walking through the city streets, we watch life happening and see ourselves facing situations that make us reflect about our own life in this world we wander. Following this concept, this paper intends to explore the way the experience of city life reaches the territory of learning, walking through the streets of everyday life, the feeling of belonging and affection, which all cross each other like the lines in a map. Then it is presented the idea of a didactic of the urban everyday life, which is based on the concept of translation and creation to think about a form of teaching that embraces the different realities that make up the scholar quotidian. The research starts in a study of the themes of everyday life, city and education, with the last one focusing on the area of didactics; besides a look upon these subjects in music, cinema and literature. In conclusion, the process of learning emerges when the way of teaching is contextualized in the quotidian of students and teachers, revealing the creative power of this approach.

Keywords: didactics of the everyday life; city and affection; urban everyday life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Hermila em ligação interurbana com São Paulo em “O céu de Suely” (2006).....	28
Figura 2: Caderno de Acerola em cena da série “Cidade dos Homens” (2002).....	52
Figura 3: Acerola dá aula de história aos colegas em “Cidade dos Homens” (2002).....	55
Figura 4: Deslocamentos (ou Brás: uma longa jornada) — Fotografia digital, 2022	59
Figura 5: Rua Elisa Fláquer — Fotografia analógica, 2024.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O COTIDIANO.....	17
2.1 Passeando pelas ruas da rotina da cidade.....	20
3 SOBRE UM COTIDIANO PLURAL NUMA SOCIEDADE PLURAL: AS RUAS DO PERTENCIMENTO.....	27
4 CAMINHOS QUE SE ABREM: O ENCONTRO COM A DIDÁTICA DO COTIDIANO.....	43
4.1 Travessias do conhecimento: o quê, e para quem, a didática cotidiana ensina?.....	50
4.2 Cotidiano como potência criadora: expressão artística.....	57
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU A CONCLUSÃO DO PASSEIO.....	63
REFERÊNCIAS.....	67



capítulo 1

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se inicia na rua. Espaço que é trajeto e transição, deslocamento entre a casa e o trabalho, trabalho e faculdade, faculdade e casa, assim como nos conecta aos outros espaços que compõem a cidade: hospitais, restaurantes, lojas, museus, cinemas, shows, parques.

A rua, com suas mais diversas adversidades e curiosidades, tem elementos o suficiente para capturar a atenção até do mais distraído dos caminhantes. No mundo da sociedade do espetáculo, citando Debord (1998), tudo gira em torno da informação que cai torrencialmente nas ruas — placas, murais, outdoors, painéis eletrônicos, todos carregados de informação para um público cujo olhar tem que ficar cada vez mais treinado para tantos personagens passeando por aí. Nesse caos, todos são personagens da vida da cidade, cada um vivendo sua própria história dentro do grande livro do cotidiano urbano — urbano, neste trabalho, define os elementos relativos à cidade e a vida que nela acontece (como a formação de prédios, o intenso fluxo de veículos e pessoas, etc). Mas, de que forma todo esse caos toma forma no interior de cada um? O que esse caos nos ensina?

A rua é a representação da cidade, onde as vivências se interpolam, e nesses cruzamentos o mundo interior de cada pessoa se choca com o mundo exterior, porque é neles que nossos desejos, ambições, medos, sonhos e frustrações encontram, ou não, algum sentido — pois a cidade, como veremos adiante, é constituída por diversas existências, diversas histórias, identidades, cada uma com seu próprio sonho, desejo, medo, etc. A rua adquire então a imagem de um lugar que provoca o encontro dessas vidas, e nesse cenário, os desejos entram em conflito, e cada conflito tem a possibilidade de ensinar algo. Todo encontro e toda história que colide com outra dá permite o surgimento de novas ideias e visões de mundo. Na pressa cotidiana que movimenta o ser que sobrevive na metrópole, aprendemos muito sobre o mundo, quase como um manual de sobrevivência que diariamente se escreve com novos ensinamentos e novas reflexões sobre como nossas existências podem viver nesse ritmo da cidade.

Além da rua, essa pesquisa se inicia também nas aulas de Didática Geral do curso de licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP, onde estudo desde 2020. Durante as aulas, a temática do cotidiano e aprendizagem tomou minha admiração, costurando ideias que dançavam soltas em mim por anos. Pensei em quantas coisas já não aprendi por estar simplesmente fazendo meu trajeto rotineiro para o trabalho ou para a faculdade, e dentro dessas rotinas, coisas que fui percebendo e desenvolvendo e frutificaram as raízes do meu aprender. A rotina, por mais repetitiva que possa ser, se renova a cada dia e traz novidades ao nosso repertório — novos aprendizados, novas experiências, novos olhares, novas vivências. Concebi, então, que queria abordar isso em um projeto de pesquisa: o modo como a vida cotidiana nos ensina sobre o mundo e nós mesmos — nesse caso, a vida cotidiana em metrópoles como São Paulo, que tem uma rotina especialmente agitada — e como relacionamos diferentes eventos, áreas, fragmentos de nossas vidas, amarrando esses fragmentos em uma rede de conhecimentos e aprendizados.

Neste texto, o pano de fundo será o trânsito entre as cidades de Santo André, onde moro desde criança, e São Paulo, que tem sido nos últimos anos o lugar em que minha rotina mais acontece e se ramifica. Nessa minha vivência, percebi como minha prática de caminhar diariamente é treinada pela pressa, com destinos precisos, fazendo meu próprio olhar ficar concentrado no caminho costumeiro; entretanto, sempre preferi, conscientemente ou não, deixar meu olhar vagar pelas ruas e seus tantos detalhes e elementos: os prédios e suas formas, cores, pixos, panfletos, os carros, ônibus, comércios, bares, restaurantes, e claro, as pessoas que protagonizam todo esse cenário. Em São Paulo, onde a diversidade social é gigantesca e cheia de camadas, é fácil se encantar pelas possibilidades de interação que surgem, e é isso que mais observo em minha prática de caminhada em meus tantos percursos diários. Toda essa observação do cotidiano urbano é, à sua própria maneira, uma forma de aprendizagem: um ensino sobre o mundo, sobre os espaços que frequentamos, os sinais que lemos e ouvimos, informações que chegam até nós e guardamos conosco de alguma forma, e posteriormente, traduzimos em nossa própria prática, em nossas falas, ações, atividades e produções

O aprender é único para cada indivíduo, mas podemos afirmar que algo é comum em todos os processos: a experiência. Relacionar conceitos vistos em diferentes lugares e estabelecer conexões se torna intrínseco à produção de conhecimento, seja qual for, como vê-se em Dewey (*apud* Branco, 2010), que caracteriza o conceito de experiência como a capacidade de relacionar fatos e eventos passados/futuros, conectando realidades e ambientes diferentes através da reflexão sobre o acontecimento vivido. O objetivo desta pesquisa, portanto, é o ensino-aprendizagem promovido pela experiência da vida cotidiana, escrito a partir da minha vivência na cidade.

Início o texto definindo o conceito de cotidiano como a ideia de algo que se renova todos os dias, oferecendo novas possibilidades e percepções da mesma rotina. O ponto de partida é a conexão com o texto “Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças”, da Prof^a Dr^a Azoilda Loretto da Trindade, que foi apresentado durante as aulas de Didática, e apresenta uma concepção de cotidiano que foi como o açúcar que atraiu as formiguinhas do meu interesse temático: o cotidiano como território intrínseco à vivência humana, que é pano de fundo de todas as nossas histórias e traça pontos em comum entre elas.

No segundo capítulo, apresento o recorte desse cotidiano no contexto urbano, ou seja, como é a vida na cidade grande e como é o *modus operandi* da rotina nesse contexto, falando sobre aqueles que dão luz a cidade: as pessoas. As pessoas, com seus sonhos, vontades, medos e desafios, movimentam a cidade não só em sua economia, mas em sua alma, representando o elemento vivo do imaginário deste contexto. No capítulo seguinte, refletimos: quem, ou como, são as pessoas da cidade contemporânea? Aprofundando o tema, trago a observação sobre as camadas sociais que compõem a metrópole, abrindo as janelas para um de seus problemas fundamentais: a desigualdade social, que abrange classes econômicas, gêneros, etnias e sexualidades. Julgo importante comentar que as vivências na cidade são diferentes para cada indivíduo e para cada grupo social, principalmente as minorias, evidenciando como a violência e a invisibilização mudam a experiência de viver na cidade para essas pessoas.

Dando continuidade e reintroduzindo o tema chave da pesquisa, no quarto capítulo falarei sobre o conceito de didática como tradução e criação, isto é, estabelecer conexões que permitam que o ensino seja mais relacionável a quem ele está sendo dirigido (vide contexto de sala de aula); apresento uma didática propriamente do cotidiano, refletindo sobre a forma que os territórios que vivemos, vivenciamos, ocupamos e traçamos são a nossa fonte primordial de conhecimento, comunicam as orientações de nossa essência enquanto indivíduos, e quando reconhecemos o mundo ao nosso redor (e como nos estabelecemos nele), as experiências de aprendizagem são ainda mais enriquecedoras. Finalmente, abordaremos como esses conceitos são porta de entrada para um ambiente de ensino-aprendizagem acolhedor e criativo, principalmente se tratando de expressividade artística.

A wide-angle photograph of a busy city street at dusk. The sky is a deep, dark blue. Tall, modern buildings with glass facades line both sides of the street. In the foreground, a motorcyclist with a large red delivery bag is riding across the frame. To the right, a person is standing with a bicycle. In the middle ground, several cars and a bus are visible on the road. Pedestrians are walking on the sidewalks. The overall atmosphere is one of a bustling urban environment.

capítulo 2
O COTIDIANO

2 O COTIDIANO

Quem vem pra São Paulo, meu bem, jamais se esquece

Não tem intervalo, tudo depressa acontece

(Itamar Assumpção, 1994)

O território do cotidiano se identifica a partir do reconhecimento da diversidade e pluralidade que ele possui. A primeiro momento, pode parecer um conceito simples: algo que compreende a mesmice da rotina, o andar pela rua, ir ao trabalho, fazer os mesmos caminhos diariamente. Entretanto, o cotidiano é precisamente a singularidade que cada dia trás. Entre tantas definições possíveis para o cotidiano, trago a da professora doutora Azoilda Loretto da Trindade como base para o início dessa caminhada:

Circunscrição de circularidades, de acontecimentos, de potência. Território de encontros, embates, paradoxos, avanços e recuos. Incapturável, imprevisível, como, talvez, num caleidoscópio – dependendo de como olhamos, podemos perceber imagens em movimentos diversos nos quais, ainda que em flashes, algo de visível e previsível pode ser capturado. Território onde os opostos se cruzam, dialogam, interpenetram (Trindade, 2008, p. 4).

Entendo o cotidiano, então, como o território das possibilidades e imprevisibilidades que acontecem em rotinas já conhecidas. Os acontecimentos do nosso dia a dia movimentam a nossa vida, por menores que sejam, configurando-se numa pluralidade tanto quantitativa quanto qualitativa: podem acontecer inúmeras pequenas coisas que diferem um dia do outro, como pode surgir uma mudança que por si só é extremamente significativa. A pluralidade oferecida pela vida cotidiana permite que cada um possa experienciar o mundo de formas diferentes todos os dias. Essas experiências, nutridas a partir das próprias diferenças entre cada dia que se passa, são a expressão criativa da vida (Trindade, 2008, p. 3). O ato de caminhar para realizar o trajeto até o trabalho, por exemplo, já acomete inúmeras variações que podem acontecer de um dia para o outro. Há fatores como o clima, cujas mudanças são alheias à decisão do homem, mas decidir, por exemplo, se é melhor andar mais rápido ou mais devagar por conta de uma ventania ou um calor

extremo cabe totalmente a quem está sofrendo essas ações. É uma constante escolha, como pontua Heller (1985):

A vida cotidiana está carregada de alternativas, de escolhas. Essas escolhas podem ser inteiramente indiferentes do ponto de vista moral (por exemplo, a escolha entre tomar um ônibus cheio ou esperar o próximo); mas também podem estar moralmente motivadas (por exemplo, ceder ou não o lugar a uma mulher de idade). Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana (Heller, 1985, p. 24).

Se o cotidiano é movido por nossas escolhas diárias, é possível afirmar que ele só se movimenta porque acontece em coletividade. Uma só pessoa não muda a rotina de uma cidade (ao menos normalmente), mas a cidade como coletivo pode mudar a rotina de alguém. Partindo do exemplo mostrado pela autora na citação anterior, se alguém decide te oferecer ou não um assento que seria ocupado no ônibus, sua viagem já muda, seu dia já muda.

No contexto da vida contemporânea, ambientada nas grandes cidades, o individualismo é uma potência crescente. As pessoas tecem suas escolhas não para a finalidade de um bem estar coletivo, mas para o seu próprio. Uma luta fomentada pela ânsia capitalista de estar sempre em movimento para chegar no primeiro lugar, ser um exemplo, alcançar um sucesso financeiro. Nas palavras de Ailton Krenak (2023, p. 36), “a cidade foi invadida pela indústria e pela produção e transformou a lógica de vida coletiva em vida privada.”

Estar alheio a vida social representa esse modo individualista de enxergar e viver o mundo, mas ainda assim não significa que o indivíduo realmente está fora da vida social; ele ainda faz parte dela, e sua rotina ainda está dentro da rotina geral, mesmo que de modo diferente. Assim, como vemos em Heller, “ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade” (1985, p. 17). O cotidiano compreende, afinal, todas as individualidades. Elas se unem no tecido cotidiano como uma colcha de retalhos de vidas, identidades, histórias, cenários, pensamentos, desejos, anseios, tudo que passa pelos seres que habitam o contexto social do mundo em que vivem; é uma

“rede complexa, com situações, acontecimentos, eventos, ações, pensamentos com organicidade e relação com um conjunto mais vasto” (Fortes de Oliveira, 2014, p. 21).

A cidade oferece uma gama variada de perspectivas a serem observadas se tratando da vida cotidiana. São inúmeros grupos sociais convivendo num cenário intensamente corrido, que não foi feito para ser eficaz ou funcional para o bem estar de todos, visto todos os problemas já conhecidos (trânsito, disponibilidade de transportes, questões de acesso e acessibilidade, etc).

Para o filósofo Guy Debord (1997, p. 15), a sociedade contemporânea vive num contexto de espetáculo, isto é, tudo é ordenado para que a vida seja tratada como algo a ser visto e consumido, o que reflete não só na própria noção de sociedade de consumo como nas relações sociais.

Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo da vida presente socialmente dominante (Debord, 1997, p. 15).

A espetacularização da vida faz com que essa realidade seja vista como o comum, o usual, pois essa configuração de sociedade provoca uma alienação a respeito da própria vida, promovendo discursos como “a vida é assim mesmo” ou “o trabalho dignifica o homem” — frases que ouvi minha inteira, como se um preparo para a vida adulta, mas que servem apenas para normalizar o modo de vida esquematizado dentro de um pensamento capitalista de produção e consumo e torná-lo positivo, como vemos em Debord (1997):

O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente (Debord, 1997, p. 16).

A experiência cotidiana na cidade grande tem como efeito deslumbrar-se por todas essas características, onde as matérias se unem em uma cena só: as pessoas, os prédios, as ruas, as diferenças, a pressa. Em São Paulo tudo isso é marcante e complexo, e o deslumbre foi se tornando cada vez mais crítico para mim, com todos esses anos vivendo e observando a cidade. Embora, claro, o fascínio nunca tenha perdido lugar, e me deparo com associações como a de Itamar Assumpção em sua letra de 1994, apresentada na epígrafe deste capítulo: quando se chega em São Paulo, jamais se esquece.

2.1 Passeando pelas ruas da rotina da cidade

Espaço é curto, quase um curral

Na mochila amassada, uma quentinha abafada

Meu troco é pouco, é quase nada

(...)

Como um Concorde apressado cheio de força

Voa, voa mais pesado que o ar

E o avião, o avião, avião

Do trabalhador

(O Rappa, 2003)

No meio de tantos prédios, ruas e viadutos, cada vida guia-se pela luz dos próprios sonhos, outro elemento que tece a trama do cotidiano urbano. Os objetivos individuais movimentam a rotina, por mais simples que sejam, e posteriores a esses objetivos, existem os sonhos, desejos, vontades. Os habitantes da cidade vivem uma constante e expansiva construção do imaginário da mesma, à medida que esse imaginário se tingem pelas vidas que compõem a narrativa da cidade, pois “o cidadão contém a cidade e, ao mesmo tempo, está contido nela” (Medeiros Neta, 2016, p. 108).

É assim que cada cidade tem sua própria característica que chama mais a atenção de visitantes e espectadores de fora. Vivendo em Santo André, me acostumei a ver características de uma cidade simples, antiga, onde até as

fachadas dos estabelecimentos comerciais parecem ser do século passado, e provavelmente são; pinturas, letreiros, decorações que remetem diretamente os anos 70 ou 80, algumas com certo aspecto abandonado, como se tivessem parado no tempo mesmo que ainda funcionando. Penso que, na verdade, não pararam no tempo... talvez estejam resistindo às mudanças que o desenvolvimento econômico da cidade propulsionou. Ando pelas ruas já sabendo que vou encontrar a simplicidade da minha cidade sendo cada vez mais posta em contraste por lojas e prédios comerciais disputando o mesmo espaço, muitos vendedores ambulantes e ruas cheias. Penso na Coronel Oliveira Lima, uma rua estilo “calçadão” que é inteiramente comercial e tem todos os tipos de loja, que constantemente mudam, são trocadas por novos estabelecimentos, mas o calçadão nunca perde sua aparência antiga, já histórica. Essa observação da cidade frutificou em mim uma paixão pelas particularidades da vida em lugares diferentes, me aproximando um pouco daquele que Baudelaire diz entrar na multidão “como num imenso reservatório de eletricidade” (2010, n. p.). E nessa multidão passei a observar as pessoas, que nunca deixam as ruas vazias, e embora demonstrem a usual pressa da cidade, não parecem tão ávidas e estressadas; talvez pelo modo de vida simples que aparentam levar.

Isso contrasta com o que encontrei nas ruas de São Paulo quando comecei a frequentar a mesma. Nas primeiras vezes que pisei na Avenida Paulista, me sentia em outro mundo. Muita gente com roupas “estilosas”, na moda, até mais formais, mas também com uma diversidade social ainda mais aparente que em Santo André. Talvez fosse só mera impressão, mas eu tinha me acostumado a encontrar a pluralidade de cores, gêneros e sexualidades na minha cidade só nas festas que frequentava quando adolescente. Em São Paulo, a pluralidade estava ali na minha frente, à luz do dia. E estava estampando um cenário muito mais moderno, chique, com prédios de fachadas ultra modernas, outdoors eletrônicos, calçadas e ruas gigantes. E também pessoas muito mais apressadas, com caminhos objetivos traçados em passos determinados, retilíneos.

Essa visão de uma cidade diferente, quase desconectada da que eu estava acostumado, me fez pensar sobre todas as experiências que havia tido até então com a ideia de cidade. O que era a vida naquele novo lugar? Seria melhor que a do

município menor em que eu vivia? Afinal, com tantas pessoas mais bem vestidas, esse cenário mais moderno e tecnológico, a vida deveria ser melhor, não?

À medida que os anos foram se passando e eu comecei a conviver mais com São Paulo, frequentando mais bairros e saindo da Avenida Paulista, percebi na verdade mais proximidades com a minha cidade natal do que esperava. Observar, de forma ainda mais ampla, as diferentes mudanças nas camadas e nuances na paisagem da cidade a depender do bairro em que eu estava abriu meus olhos para entendimentos sobre o cotidiano, sobre como as pessoas estão condicionadas a certos modos de viver em decorrência de contextos específicos.

Em “Meu primeiro mundo”, capítulo do livro “À sombra desta mangueira”, o professor Paulo Freire fala sobre reconhecer o lugar em que cresceu como primeiro território de pertencimento:

O primeiro mundo meu, na verdade, foi o quintal da casa onde nasci, com suas mangueiras, seus cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, com suas jaqueiras, com suas barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários a eles se davam como espaço para seus cantares. (Freire, 2015, p. 32)

Entender o próprio território faz parte da construção da identidade de cada um, pois é a partir desse entendimento que se reconhece, ao crescer, o mundo: a relação com o lugar de origem vai se refletir na relação que se estabelece com outros lugares que uma pessoa pode vir a frequentar e morar. É um processo de reconhecer aquele lugar em outro, mesmo que não sejam semelhantes, pois cada entendimento de lugar é uma extensão de outro e só funciona porque antes vivemos alguma noção de proximidade com um território.

(...) em que o homem de hoje, vendo em si o menino de ontem, aprende por ver melhor o antes visto. Rever o antes visto quase sempre implica ver ângulos não percebidos antes. A leitura posterior do mundo pode constituir-se de forma mais crítica, menos ingênua, mais rigorosa (Freire, 2015, p. 33).

Assim, as relações territoriais se organizam na noção de pertencimento, observação e leitura do mundo em que se está inserido. Vivenciar rotinas que se compreendem no deslocamento entre bairros, cidades e ademais é vivenciar a constante ressignificação de lugar e pertencimento, pois o que entendemos em um lugar muda de perspectiva ao chegarmos em outro. Como observei nas mudanças entre Santo André e São Paulo e o que cada lugar traz de característico em seu tecido cotidiano.

Desde adolescente, a vida de transporte público tem sido a maior parte do meu cotidiano, compondo parte do território que hoje chamo de rua. A caminhada até a estação de trem, a ida até alguma estação já em São Paulo, principalmente Tamanduateí e o Brás ou a Barra Funda; a baldeação para as linhas de metrô: verde, vermelha, azul, amarela; ir até o terminal de alguma estação esperar algum ônibus, que também se diferem tanto dos de Santo André, aos quais estava acostumado. Aprendi que em São Paulo tem muito ônibus com piso baixo para facilitar a entrada de pessoas; a maioria tem ar condicionado; as janelas normalmente não abrem, pois o vidro cobre boa parte das laterais e as saídas, além das portas, são as de emergência. Até os assentos são diferentes. Assim como as numerações das linhas, muito diversas, e as cores dos veículos. Na minha cidade, fiquei acostumado com duas cores de ônibus: o branco e azul do ônibus municipal e o azul escuro dos intermunicipais, com janelas que abrem. Foi um dos primeiros aprendizados que eu tive desbravando São Paulo: reconhecer as diferenças com minha cidade de origem.

Esse aprendizado continuou. Andando pelas ruas eu comecei a de fato observar as diferenças entre cada parte de São Paulo. Quando fiz SENAI de Processos Gráficos na Mooca, conheci os resquícios da São Paulo industrial, onde boa parte dos prédios eram os galpões utilizados pelas fábricas das mais diversas indústrias que compunham aquela parte do centro (Rufinoni, 2004). As ruas tinham um aspecto mais vazio, como se a vida tivesse sumido junto das fábricas. Eram largas e sujas, e as pessoas passeavam com olhares sóbrios, distantes, como se realmente estivessem ali só transitando, não como se fossem habitar ou trabalhar por ali. Nesses resquícios de um bairro industrial, lembrei que Santo André, assim como as outras principais cidades do ABC, fora uma região de indústrias, e alguns

de seus bairros possuem as mesmas marcas de um lugar dominado por mudanças. Consigo visualizar com clareza os enormes prédios industriais que hoje não têm o menor sinal de vida, disputando a paisagem com os modernos prédios comerciais e residenciais ao redor. Lembrar de tudo isso e me reconhecer em cantos de outra cidade me fez refletir sobre de que formas o cotidiano nos faz sentir-nos pertencentes a algum lugar mesmo que ali não seja nossa casa; é “o quintal de minha infância como que se desdobra ou vem se desdobrando em tantos outros espaços nem sempre necessariamente outros quintais” (Freire, 2015, p. 33)

A ida para casa, afinal, me parecia outra mudança de realidade. Quando voltava do curso técnico e ia para a escola, novamente em Santo André, via toda aquela imagem da cidade nova se dissolvendo na minha frente, e encarava minha realidade mais uma vez. Era como sair de um mundo fantasioso, uma selva que eu diariamente desbravava tentando decifrar seus labirintos. Num piscar de olhos, retornava ao meu mundo comum. Mas ficava comigo o aprendizado de um lugar novo, das relações que estabeleci entre esses mundos e o que vivia em cada um.

Nas cenas que desenham o cotidiano da rua, a observação daqueles milhões de outros mundos que são as pessoas que compõem a cidade me ocupa a alma: uma mãe carregando o filho no colo pronto para ir pra creche, um idoso puxando papo com o motorista do ônibus, adolescentes rindo a caminho da escola, colegas uniformizadas desabafando sobre o trabalho, a atendente da lanchonete na esquina preparando o café com leite do engravatado que discute no telefone, alguém passando apressado com música altíssima tocando nos fones de ouvido. São nesses momentos que reconheço a multidimensionalidade e diversidade do cotidiano, refletindo as palavras de Azoilda Trindade: ele “nos possibilita ouvir/ver a multiplicidade de vozes, cores, tessituras que se entrelaçam, se sobrepõem, isolam-se, contrastam-se, interagem” (Trindade, 2008, p. 5).

Muitos passam por rotinas parecidas, afinal esse é o objetivo da estrutura capitalista: uniformizar as individualidades e criar a ilusão de que todos devem ter o mesmo modo de vida a seguir, diariamente. E embora padrões de vida sejam estabelecidos e se tornem cada vez mais inalcançáveis — afinal, estamos falando de uma sociedade presa em um consumismo exacerbado e exponencial —, as

vidas não precisam girar em torno deles todos os dias. Tendo consciência disso, podemos dizer que mesmo que essa união de rotinas faça todo o contexto social urbano parecer uma coisa só, o que trago aqui é a beleza das particularidades dessas rotinas e como a relação entre cidade e indivíduo é mais íntima do que normalmente percebemos.

Desta forma, é importante reconhecer essas particularidades: observar de que forma a cidade e todo esse cenário é constituído substancialmente por diferenças, sejam elas nas rotinas ou nas pessoas que as vivem. As diferenças sociais transformam a vida na cidade, de modo que todo o cotidiano na mesma é afetado por essas diferenças e caracteriza o que seria a essência de cada uma.



capítulo 3

**SOBRE UM COTIDIANO PLURAL NUMA
SOCIEDADE PLURAL: AS RUAS DO
PERTENCIMENTO**

3 SOBRE UM COTIDIANO PLURAL NUMA SOCIEDADE PLURAL: AS RUAS DO PERTENCIMENTO

As camadas sociais em grandes cidades como São Paulo têm se tornado cada vez mais diversas com o passar dos anos. Num breve passeio pelo centro desta, ali pelo bairro da República, é possível identificar inúmeros grupos diferentes se entrelaçando pelas ruas: há uma imensidão de etnias, expressões de gênero, de cultura, de classe — tudo que é possível capturar pelo olhar de quem vê, pois embora vejamos as diferenças entre cada um, não os vemos por dentro. Só vemos o que cada um transpõe em sua própria carcaça: roupa, cabelo, maquiagem, expressão facial. Quem e o quê é essa pessoa? Para onde vai? O que vive? O que pensa? — questões que passam pela minha cabeça ao observar os transeuntes da cidade, tentando identificar, mas não categorizar, aqueles com quem divido uma calçada ou um assento no vagão do metrô.

Tais indagações se tornam ainda mais intrigantes quando percebo, ao longo dessa jornada, como cada pessoa experiencia a cidade de forma diferente por questões diversas. Uma delas é a história de vida de cada um.

“— E tua vida em São Paulo, como era?

— Era boa... mas lá é tudo caro. Dava pra ficar mais lá não, aí a gente decidiu voltar.” (O Céu de Suely, 2006, 13 min)

Figura 1: Hermila em ligação interurbana com São Paulo em “O céu de Suely” (2006)



Fonte: O céu de Suely [...] no NOW, publicado pelo canal Canal Brasil (YouTube), 2017.

No filme “O céu de Suely” (2006), Hermila é uma jovem de 21 anos que retorna para a cidade natal, Iguatu, no interior do Ceará, após passar dois anos em São Paulo com seu então namorado, Mateus. Eles tiveram um filho nesse meio tempo, que também recebeu o nome de Mateus, e a jovem volta com o bebê para a terra natal embalada pela promessa do namorado de que ele iria para lá assim que estivesse com tudo pronto para terem sua loja de CDs e DVDs. Porém, à medida que percebe que o homem não voltará, após diversas tentativas de contato (Figura 1), a protagonista busca outra rota para sua vida.

Durante todo o filme, vemos uma jovem que está tentando encontrar seu lugar no mundo a todo custo. Ela viajou para São Paulo procurando uma vida melhor, como muitos migrantes nordestinos fazem desde o século XX, mas decepcionou-se com o custo financeiro de viver em uma metrópole tão grande. Agora com um filho de colo, ela enfrenta as dificuldades de ser uma mãe tão jovem e com poucos recursos, buscando apoio na família ao retornar para sua cidade. Entretanto, embora esse apoio exista, não é o suficiente para que ela se sinta realizada. É uma estranha em sua própria terra, o que é marcado de forma visual

pelas mechas loiras em seus cabelos castanhos, mudança que fez em São Paulo e os personagens de Iguatu comentam e acham graça. Ela busca voltar a se identificar com aquele lugar, o que pode ser observado nas cenas em que frequenta festas de forró, mas o peso de perceber que foi abandonada por seu homem e que precisa sustentar seu filho sozinha a deixam extremamente solitária e perdida.

Em uma cena emblemática no meio da narrativa, Hermila vai ao terminal rodoviário da cidade e pergunta a funcionária de uma das companhias o valor da passagem para o lugar “mais longe dali”. Nesse momento, percebe-se que ela quer tentar de novo a vida em outra cidade, pois não conseguiu se restabelecer ali mesmo, em sua própria cidade. Ela então decide fazer uma rifa com o prêmio sendo “uma noite no paraíso” com ela mesma, mas sob o pseudônimo de Suely, a fim de custear a passagem para o sul do país. Vemos que sua vivência com a cidade foi impactada por sua trajetória de vida e o contexto social em que estava inserida, tanto por vir de origem pobre como por ser uma mãe solo de 21 anos. Viver naquele mundo do interior, embora oferecesse o conforto da família, já não lhe servia mais. Ao fim da história, Hermila fala para a avó que vai para o Rio Grande do Sul, e com o dinheiro da rifa terá um sustento enquanto, em suas palavras, descobre o que quer fazer. Então, deixa o filho com a avó, a pedido da própria, e parte para o extremo do país, onde talvez em outro contexto urbano sua vida ganhe outro sentido.

O filme nos revela os dilemas pelos quais a grande maioria daqueles que retornam a sua cidade/região natal passam. Entre eles, o desencixe que a protagonista sente em seu retorno para Iguatu. Tudo ali lhe incomoda, desde o lugar e o calor que nele faz, desde o modo de pensar das pessoas. No processo migratório de Hermila, os novos valores, que surgiram na sua adaptação no espaço paulista, não se encaixam naquela cidade, onde aparentemente algumas coisas mudaram, mas não foram suficientes para conformar a nova identidade da personagem. (Oliveira, 2017, p. 145).

A história apresenta uma realidade que muitas pessoas vivem no Brasil: Hermila representa os migrantes que não conseguem conquistar a vida que querem nas grandes metrópoles e acabam retornando para suas cidades de origem, onde têm que achar alguma maneira de se reinserir. Este processo muitas vezes é difícil pelas marcas que a vida na cidade deixam em quem passa por ela: o sentimento de

pressa, de estar sempre em busca de viver uma realidade plena e materialmente confortável. Como voltar, então, para um contexto que não lhe traz esse movimento incessante? Como se encaixar em um lugar que você queria ter deixado para trás? São questões que passam pela cabeça de quem tem sua história de vida marcada por deslocamentos extensos e intensos, em que em cada lugar uma nova faceta da identidade pessoal é construída e ali deixada. Nesse estudo sobre cotidianos, a ideia de construção de identidade cabe aqui como ponto de conexão entre viver uma rotina de um lugar e o sentimento de pertencer ao mesmo. Hermila tem sua identidade fragmentada em Iguatu, São Paulo, e futuramente em Porto Alegre; em cada cidade, tenta se encontrar, se entender, se colocar no mundo e o aprender à sua própria maneira.

A perspectiva discursiva traz a historicização como condição primordial na formação das identidades. Na modernidade tardia, a globalização vem à baila na historicização e se coloca como fator influenciador da formação das identidades. Em razão dela, a compressão espaço-temporal modifica a relação da identidade com o lugar de origem. O grande número de migrações em direção às grandes cidades engendra novas articulações entre global e local e acaba por reconfigurar a relação dos sujeitos com seus lugares. (Oliveira; Magalhães; 2016, p. 140)

Viver cada cidade de forma diferente é algo com que me relaciono. Embora nunca tenha me mudado para lugares muito distantes, como Hermila, sinto que a vida em cada lugar que eu passei e passo no dia a dia acontece de forma diferente. Andar pelas ruas de Santo André me é algo familiar e fácil, um mundo que domino. Já as de São Paulo sempre me trazem descobertas, é um mundo desconhecido, inesperado. Como a personagem, sinto que estou em constante movimento de me colocar no mundo, entender como se dança a dança da cidade, tentando me desviar da sensação de deslocamento, que, entretanto, é inevitável.

Eu aprendo a diferença dos ritmos que cada lugar segue. São Paulo é extremamente agitada e requer certa habilidade para jogar seus jogos. Perder-se por seu labirinto de ruas idênticas, sua dinâmica apressada, onde existem inúmeras opções de ônibus e metrô para realizar um mesmo trajeto, e que mesmo com tantas opções são tão problemáticos — sempre cheios, atrasados, não satisfazem a necessidade pública integralmente. Essa experiência me tornou uma pessoa

apressada, sempre atento aos detalhes, tentando não me perder e sentindo que tudo é imenso, mas, ainda assim, encantador, e por isso me prende tanto.

Em minha vida, conheço inúmeras histórias que conectam e espelham minhas noções de pertencimento no cotidiano e o que aprendemos nesses trânsitos. Tenho uma amiga, Bárbara, que mora em uma área bem cheia na zona leste de São Paulo, a Sapopemba. Suas necessidades diárias incluem pegar o monotrilho da linha 15-Prata para a estação Vila Prudente e de lá seguir viagem até a região da Vergueiro, no centro da cidade. Em nossas conversas, sempre surge a pauta de como é cansativo fazer várias baldeações para chegar em nossos trabalhos, e em como uma região é completamente diferente da outra. Mas sua história com transitar por cidades vem de mais longe: ela estudou comigo no SESI, em Santo André, e desde aquela época morava no mesmo lugar, ou seja, precisava fazer um trajeto intermunicipal diariamente. Por sorte, tinha um ônibus que compreendia o exato trecho que precisava para chegar na escola, o 262, que partia de Artur Alvim, na zona leste de São Paulo, até o terminal de Santo André. Esse ônibus passava na minha rua, então por vezes eu costumava pegar ele com a Bárbara e Ariane, nossa outra amiga que também mora na região de Sapopemba, na saída da escola. As memórias de nós três rindo no curto caminho até minha casa sempre me deixam nostálgico de uma época em que a experiência com o transporte da cidade não me era tão confusa e apressada, uma época em que minhas preocupações não eram, ainda, sobre chegar atrasado no trabalho.

Para Bárbara e Ariane, cruzar uma cidade inteira em um ônibus era uma rotina particular. Elas não tinham todas as opções de ônibus que eu tinha para chegar em casa, já que morava ali perto. Ou então para Júlia e Mariana, duas amigas queridas que na época moravam em outra cidade que existe no espaço que divide o ABC e São Paulo: São Mateus. As duas muitas vezes dependiam do trem, para chegar até o terminal de Santo André mais rapidamente, e de lá pegar um trólebus até suas casas. Como o SESI é colado em uma importante estação de Santo André, a Prefeito Saladino, nossas rotinas de saída da escola eram acompanhar a Júlia até o trem, voltar para o ponto de ônibus na frente do nosso prédio e aguardar o 262. Cada um com sua própria experiência de cidade, seu próprio trajeto e percepções pessoais sobre tudo isso.

Mas há outro fato que identifica nosso grupo, e é uma das questões que torna a vivência na cidade tão diferente para cada um: somos todos pessoas de pele escura. E independente de qual região da cidade estávamos, essa questão influenciou e influencia diretamente nossa experiência urbana. Qualquer ação é diferente para quem é não-branco na cidade: o andar, o falar, o dirigir, o comer, o vestir-se, o viver. A liberdade não é a mesma, especialmente em lugares onde a população que ali vive ou frequenta é majoritariamente branca, de classe média/alta.

Em Santo André, cresci num bairro de população mista, onde principalmente nos últimos anos vi uma crescente chegada de imigrantes haitianos¹ e angolanos, assim como de pessoas do norte e nordeste do Brasil. Então cresci vendo uma mistura étnica e de classe ao meu redor, ainda mais que morávamos em uma área particularmente movimentada do bairro. E no geral, os lugares que eu frequentava/frequento na cidade, como o centro, os shoppings, parques e afins também têm uma característica de população predominantemente mista. Esses fatores ajudavam a me sentir, de fato, em casa, embora, claro, o cenário não fosse sempre perfeito. Há muitos bairros na cidade que são mais vazios e calmos, onde os moradores são em sua maioria brancos de classe média (ou algo perto disso), e quando ando por eles me sinto já distante, como se não pertencesse àquele espaço. Me sinto observado, esperando que alguma pessoa branca vá me olhar e me julgar e também se perguntar o que estou fazendo ali.

Com esses pensamentos em mente, meus passos se tornam rápidos, me levando a seja lá qual for meu destino de forma mais objetiva, mas ao mesmo tempo desejo não andar assim; então, principalmente nos últimos anos, tento mudar minha experiência de passear por esses lados da cidade, pois minha existência nesses lugares não deveria ser prejudicada pelo medo da violência racial. Tento andar calmo, vivendo, observando, sendo eu mesmo e mais um transeunte na

¹ Não foram encontrados muitos dados precisos sobre essas migrações, que eu conheço por convivência, mas indico aqui uma referência que exemplifica o processo migratório de haitianos:

<<https://www.reporterdiario.com.br/noticia/3276734/abc-atrai-muitos-imigrantes-e-refugiados-a-maioria-latina-caribenha-e-afega/>>

cidade... mas deixa óbvio que, se tratando de viver na cidade, existem diferenças substanciais entre as vivências de diferentes populações.

Em seu livro “Se a cidade fosse nossa” (2023), a arquiteta e urbanista Joice Berth discorre sobre essas diferenças, abordando as cidades como um espaço originado de estruturas racistas já estabelecidas no período escravocrata, o que promove o que ela chama de “divisão racial do espaço”, que é a organização forçada de populações pretas e pobres nas margens dessas cidades e experienciando todas as dificuldades e violências que esse contexto impõe.

É um privilégio social não ter que se importar com quais espaços da cidade se pode ocupar, por quais espaços da cidade se pode transitar, em quais horários se pode permanecer nas ruas, etc.

É um privilégio social não ter medo de ser confundido com um criminoso ou não ter que se preocupar com a roupa que vai usar ao sair de casa. (Berth, 2023, p. 83)

A organização racista das cidades faz com que a sensação de não pertencimento seja diária para a população preta, que quando ocupa regiões de grande valor socioeconômico é vista com estranhamento, julgamento e preconceito. Em São Paulo, meu sentimento de vivência sendo preto em bairros como Vila Madalena, Vila Mariana, Bela Vista, Mooca e inúmeros outros, é diferente de como me sinto na República, na Sé, no Brás, na Lapa ou mesmo na Sapopemba, onde sinto que sou mais um, e não um diferente. Em cada espaço, percebo como serei olhado diferente se estiver “bem arrumado”, com o cabelo “alinhado”, e até o caminho que estou fazendo. É uma maneira cruel de se conduzir uma existência; uma não, milhões. Na capital paulista, onde 43% da população é preta ou parda (o que representa quase 5 milhões de pessoas)², podemos inferir um número alarmante de vivências no mínimo parecidas; pois, infelizmente, sortudo é aquele que ainda não sofreu alguma forma de violência na cidade.

São frutos da segregação racial que está enraizada na formação da cidade, que rejeitou a presença preta nos centros urbanos após a abolição da escravatura.

² Dados do Censo IBGE de 2022, disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/licenciamento/w/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/informes_urbanos/368948>.

No período pós-abolição, o negro foi expulso das regiões centrais da cidade, privado do mercado de trabalho que se expandia com o impulso do desenvolvimento industrial, e foi ainda perseguido, pois era considerado símbolo do não-desenvolvimento e da não-civilização. E é nesse turbilhão de modificações estruturais da cidade que ocorrem as modificações espaciais graças às quais ela vai se definindo também territorialmente. (Silva, 2006, p. 18)

A população negra se viu obrigada a seguir para as margens da cidade, onde foram se constituindo, junto de outros grupos, os cortiços, favelas e aos poucos o cenário periférico que temos hoje foi tomando forma. São os territórios que vão servir, então, para acolher o negro rejeitado pela elite do centro, encontrando espaço para se estabelecer e enfrentar as novas dificuldades impostas por essas mudanças, como transporte, moradia, saneamento básico, saúde, educação, lazer, entre outras, que seguem existindo devido o crescimento populacional e a inadequação da própria cidade para esse crescimento, visto que as políticas públicas não são eficientes para abarcar as necessidades de toda a população. A não solução desses problemas e o eventual agravamento dos mesmos é uma exemplificação da contínua violência contra uma população que sofre nesta cidade desde a própria escravidão.

A despeito das questões psicológicas que envolvem o vínculo que as pessoas criam com o lugar que vivem, há que se considerar que a ocupação e/ou permanência dessa população nas bordas das cidades é resultado de uma urbanização marcada pela divisão racial do espaço. (Berth, 2023, p. 47)

Sendo então uma forma de violência, o deslocamento percorrido por aqueles que moram longe dos centros é uma consequência desse urbanismo elitista. Populações pobres, que em sua maioria são negras e/ou pardas³, diariamente se deslocam dos extremos da cidade, as áreas marginalizadas, enfrentam horas de transporte público lotado⁴ para chegar em seus destinos localizados nas chamadas “áreas nobres”, senão áreas gentrificadas ou em processo de gentrificação, ou seja, que estão ganhando cada vez mais características de bairros nobres, com grandes

³ Dados da pesquisa encontrados na publicação da Rede Nossa São Paulo (2023, p. 10).

⁴ Ver Rede Nossa São Paulo, 2024, p. 7.

e modernos prédios, supermercados, shopping centers, mega estacionamentos, escolas e hospitais particulares, etc.

O sufoco do transporte público, que frequentemente enfrenta problemas de superlotação, falhas nos veículos e nas vias, colide com o não pertencimento, com o fato de passar por todo esse caos diário e ainda frequentar lugares em que não se sente bem vindo, bem visto, desejado, pertencente. Onde sempre há aquela pulga atrás da orelha lhe fazendo se perguntar “por que me sinto diferente aqui?” — e ao perceber o porquê, a pulga se torna um algo maior, um papagaio no ombro repetindo incessantemente: “você é diferente, você é diferente, você é diferente”.

Cerca de 80% da população paulista percebe essa diferença de tratamento de pessoas negras em espaços como shoppings e comércios, assim como transporte público e mesmo nas ruas, como apontado em uma pesquisa realizada pela Rede Nossa São Paulo em 2023 (2023, p. 12). É um número que escancara as dificuldades que a população preta ainda tem habitando a cidade e realizando atividades que qualquer pessoa branca faz, mas sofrendo reações diferentes, sendo possível afirmar, então, que o direito à cidade não é o mesmo para todos.

(...) de fato, podemos nos locomover nas cidades, mas, em geral, não consideramos a qualidade desses deslocamentos. Isso cria uma ideia de liberdade que não corresponde à prática, já que podemos ir e vir mas, de acordo com as regras e códigos sociais ocultos, nem todo espaço é para usufruto e permanência de todos os grupos sociais que compõem o cenário urbano. (Berth, 2023, p. 159)

O preconceito e o julgamento estão presentes de diversas formas no cotidiano da cidade. Andando pelas ruas, noto como a expressividade pessoal faz parte desse coletivo idealizador e normativo que as expectativas sociais tomam como base. Noto muito como a expressividade queer, de pessoas LGBTQIA+, tem se tornado mais evidente no cotidiano, mesmo com todo o preconceito, rejeição e exclusão dessa parte da população nos mais diversos cenários da cidade. Pessoas queer estão sujeitas também a diversas formas de violência, que assim como para pessoas pretas, se ramificam em todas as necessidades da malha social: trabalho, saúde, educação, família, lazer. Quando se é não-branco e LGBTQIA+, então, é

como se toda essa violência e marginalização ficasse ainda mais grudada na nossa existência, e diversas camadas de proteção vestimos, como roupas, diariamente. O caminhar, o vestir-se, o falar novamente se tornam pontos de preocupação para enfrentarmos a violência diária que é ser diferente no cotidiano da cidade.

Como mencionado anteriormente, embora políticas públicas existam para defender as minorias, não são suficientes e não atendem a todos, isso quando realmente são devidamente aplicadas. Em nosso código penal, racismo, homofobia⁵ e violência contra a mulher são crimes, mas isso não impede que sejam realizados diariamente, pois a violência está em todo lugar. Principalmente com as micro agressões — atitudes vindas de outras pessoas que podem até não ser faladas, mas denotam seus preconceitos e julgamentos. Isso gera uma insegurança em existir, em viver, sabendo que se está sujeito a contínuas e repetidas formas de violência. Como dizer, então, que todos experienciam a cidade e seu cotidiano da mesma forma? Ou que todos têm as mesmas 24 horas para viver? Seria extremamente contraditório afirmar tal.

Para uma sociedade tão diversa e plural como a que habita São Paulo, as relações geradas pelo movimento cotidiano são tão diversas quanto, dançando pelas esquinas do inesperado, do breve, e mexem com nossa noção de afetividade, que é se afeiçoar pelo outro e pelo contexto em que estamos inseridos. Afeição esta que depende de fatores como a predisposição dos indivíduos a estarem abertos a conhecer uns aos outros e os espaços de convivência diários, assim como a existência de um cenário acolhedor nesses espaços. A afetividade é uma questão que aparece para refletirmos o entendimento do que é o outro em relação a nós mesmos, e como essas relações fazem parte da construção diária do terreno em que estamos inseridos, no caso, a cidade. A questão é tratada pela pesquisadora especializada em psicologia social Zulmira Bomfim em seu livro “Cidade e afetividade” (2023), em especial no capítulo 2, “Cidade e afetividade como ética”:

⁵ Embora não possua uma lei específica, homofobia pode ser enquadrada como crime de racismo. Fonte: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-sem-anal/homofobia-pode-ser-enquadrada-como-crime-de-racismo>>.

A afetividade é ética, porque propicia o encontro do indivíduo com sua capacidade de ação em prol da manutenção do ser, que remete a si mesmo e à coletividade. Os afetos podem ser adequados ou inadequados, dependendo da capacidade do indivíduo para transformar paixões em ações, libertando-se das imposições e dos conformismos. (Bomfim, 2023, p. 63)

Assim, ao longo do texto a autora nos traz perspectivas que permitem explorar o conceito de cidade como um espaço de conexões que transformam os seres assim como os mesmos transformam a cidade; é uma ação interdependente, visto que é dessa relação que o tecido da cidade se estrutura. As transformações ocorrem de modo a tirar os indivíduos da passividade perante o cotidiano, aquele idealizado dentro da sociedade do espetáculo.

Em um trem lotado às 6h da manhã, por exemplo, existem pessoas que vão se simpatizar por alguém que está com dificuldades de se manter naquele espaço — que esteja sentindo pânico, por exemplo, ou tenha alguma deficiência locomotora que dificultem seus movimentos —, e outras que vão achar que a pessoa é um empecilho para o “bom funcionamento” daquele espaço. Ou, trazendo um exemplo mais fatal, porém muito recorrente nas grandes cidades, as tentativas de suicídio sempre geram uma crise no transporte público, principalmente no metrô. Embora os dados não sejam divulgados pelas empresas de transporte, todo usuário desses meios sabe como frequentemente há tentativas de suicídio nos mesmos, causando interrupção temporária da circulação de parte das linhas para o atendimento da vítima e normalização da operação⁶. Nesse meio tempo, os outros usuários que aguardam essa normalização têm reações mistas: há os que lamentam a morte, há os que reclamam do caos que ela causou no transporte. Em uma cidade que vive pela pressa, algo que afeta a vida de todos é visto com maus olhos, mesmo que seja algo tão delicado quanto a morte de alguém. É uma morte, mas preocupam-se com o tempo que se vai levar para chegar ao próximo compromisso. Não tem como não lembrar da célebre canção de Chico Buarque, “Construção”, que em seus versos descreve a morte acidental de um trabalhador que cai em uma avenida “atrapalhando o tráfego”; e embora neste caso se trate de um acidente, ainda assim a música revela a falta de empatia e solidariedade com essa fatalidade:

⁶ Ver ANP trilhos, 2019.

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado

E flutuou no ar como se fosse um pássaro

E se acabou no chão feito um pacote flácido

Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o tráfego (Chico Buarque, 1971)

É uma questão afetiva tratar com empatia as adversidades do dia a dia. Tratar essa questão é falar da subjetividade de cada indivíduo e como lidamos com nossas emoções, sentimentos e pensamentos que surgem no cotidiano, especialmente quando nos deparamos com situações inesperadas, como acidentes e outros empecilhos nos trajetos diários. Tratar de afetividade é falar de como esses sentimentos se abrem nas relações estabelecidas em nosso cotidiano, em nossas rotinas, em nossos espaços de convivência. É observar como lidamos com o outro, com mundos completamente diferentes dos nossos, e ao mesmo tempo tão semelhantes quando nos permitimos nos associar a suas histórias, seus contextos, seus próprios sentimentos e emoções. O outro, seja ele um desconhecido ou alguém de nosso convívio diário, é um mundo tão único e diferente quanto nós mesmos. Portanto, quando nos debruçamos sobre o campo da afetividade e abrimos as portas para sua estadia, convidamos nosso próprio *eu* a refletir sobre sua existência, reconhecendo-se em seu cenário/contexto, conectando nossa história de vida com as vidas vizinhas. É o trabalho de construir uma noção de afetividade coletiva, afetando-se ativa ou passivamente pelos encontros na cidade, sejam estes bons ou maus (Bomfim, 2023, p. 66).

A afetividade é uma questão comumente pautada em discussões sobre a vida na cidade, principalmente nas redes sociais. Viver em meio a milhões de pessoas pode ser solitário, mesmo tendo famílias e amigos por perto, visto que a cidade se compõe nessas rotinas tão frenéticas e intensas, que se estendem pelo mapa e distanciam as pessoas. Neste cenário solitário, é comum repetir o pensamento de que ninguém liga para ninguém na cidade; ou, como a famosa música do rapper Criolo diz, “não existe amor em SP” (Criolo, 2011).

A canção reflete essa imagem criada sobre a cidade, e num tom dramático e melancólico o artista discorre sobre o vazio do lugar, onde as pessoas não conversam, não se conectam, não se sentem felizes.

“Os bares estão cheios de almas tão vazias

A ganância vibra, a vaidade excita

Devolva minha vida e morra

Afogada em seu próprio mar de fel

Aqui ninguém vai pro céu”

(Criolo, 2011)

Em entrevista para a BBC News Brasil em 2020, cerca de uma década depois do lançamento dessa música, Criolo comentou sobre o contexto da criação dela:

Eu acho que tem uns 12 anos que eu fiz essa música... Então eu tinha 30 e alguma coisa. São três décadas e alguma coisa de como é a cidade tratar uma pessoa e sua família, e a cor da pele da sua família, e a história de vida e a cultura de sua família que vem de outros Estados. Tudo isso se mistura e se condensa e você percebe como a cidade trata esse tipo de cidadão (Criolo, 2020, n. p).

Aqui temos um exemplo de alguém que viveu pela maior parte da sua vida a experiência de ser alguém diferente, uma minoria étnica e social, na cidade de São Paulo; uma entre as milhões de experiências semelhantes que contam sobre a exclusão que é viver nesse cenário. A forma como a cidade trata as pessoas, como mencionado por Criolo, muda a forma como as pessoas se afeiçoam pela mesma. É difícil sentir afeto por um lugar e por pessoas que te fazem se sentir excluído e não pertencente. Nesse ponto, a cidade falhou em agregar seus membros, tornando o afastamento geográfico algo além do simbólico: afastou afetivamente todos esses indivíduos que diariamente são violentados pela experiência da vida urbana.

O grande desafio para garantir à cidade o lugar do encontro ou dos bons encontros é possibilitar ao cidadão o direito à não segregação e o direito de ser reconhecido como membro de uma comunidade, que tem acesso aos bens e serviços de uma sociedade e, ao mesmo tempo, pode decidir por ela. Compreendemos que o processo emancipatório na cidade pode ser entendido a partir de uma construção ética, política e afetiva. (Bomfim, 2023, p. 68)

Assim foi para Hermila, que não conseguiu encontrar o conforto e pertencimento que precisava em sua pequena Iguatu, que tudo que fez foi rejeitá-la.

Sentir-se pertencente ao meio é essencial para uma pessoa continuar existindo em todas as suas formas. O contrário faz com que o desejo seja de sempre procurar algo para aliviar essa ausência, esse deslocamento, e para Hermila, foi rifar o próprio corpo, vender “uma noite no Paraíso”, à procura de recursos para se manter ali e cuidar do filho, o que não foi bem visto para a cidade, que a considerou inferior, criminosa. O desencaixe a afasta novamente da cidade, tanto que ela decide se mudar novamente, desta vez para “o lugar mais longe dali”, mostrando os efeitos danosos deste desencaixe para o emocional da personagem. Não é esperado que uma mulher “de família”, mãe, jovem, naquele contexto do sertão cearense, use seu corpo daquela maneira, mas é a forma dela de tomar as rédeas de sua narrativa novamente. Reconstruir a própria vida é uma ação que retoma a ideia de cotidiano como um território que abraça mudanças, rupturas de padrões, desvios que nos permitem buscar outras formas de nos sentirmos pertencentes ao mundo que vivemos.

Na cultura brasileira temos diversos outros personagens que por algum motivo não se adequam à cidade, e vivem às margens da mesma buscando sua própria identidade e forma de viver. Os Capitães da Areia, meninos protagonistas da obra homônima de Jorge Amado (publicada pela primeira vez em 1937), vivem pelas ruas de Salvador (BA), enganando e furtando pessoas para garantir algum alimento para todos eles, cerca de 40 garotos morando em um trapiche abandonado no cais do porto. Tendo de 9 a 16 anos, são apenas crianças: crianças a quem a cidade também falhou, abandonando-as por suas ruas e os fazendo tomar o crime como ocupação. Mas como crianças, possuem seus sonhos, seus desejos, seus medos. Professor, um dos líderes do grupo que tem esse apelido por planejar os crimes, gosta de ler para as outras crianças e em seu tempo livre se dedica à pintura. Sem-pernas, um garoto que ficou manco após um acidente, é conhecido por ser um dos mais amargos e frios do bando, mas no fundo só queria receber carinho e proteção. A essas crianças foi negado o direito a estudar, ter uma casa, família ou tutores; lhes foi negado o direito à cidade. Então, eles a conquistam à sua própria maneira.

Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas. (Amado, 1979, p. 27)

Pensando, então, no contexto educacional, é possível dizer que essas diferentes formas de viver o mundo, tão únicas mas tão semelhantes em suas histórias, devem ser abraçadas e integradas ao mundo escolar em todos os seus aspectos, mas principalmente, claro, na sala de aula. Devemos pensar, portanto, em formas de fazer com que o encontro do aluno com a escola seja acolhedor com sua existência, e que o ato de aprender não seja distante. Nas palavras da professora Azoilda:

A capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, pelo entorno, é fundamental para um processo educativo que se propõe voltado para a compreensão e respeito às diferenças que nos constitui como sujeitos do cotidiano. O afetar e ser afetado, que ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável, não pode ser visto como irrelevante. Como, diante desta circularidade, deste movimento, desta dinâmica, negligenciar, subestimar os aspectos afetivos do humano, como negligenciar as emoções, os sentimentos, os afetos, os desejos? (Trindade, 2008, p. 8)

Como podemos fazer com que as ruas em que nos encontramos e montamos nossas identidades não se percam no campo do não reconhecimento? É aqui que cabe, então, a discussão da possibilidade de uma pedagogia baseada na vivência e no cotidiano de cada um, de modo que essas vidas não se sintam alheias ao que estão vendo em aula, e sim, pertencentes àquele mundo, e as ruas nas quais construíram seus próprios territórios encontrem na escola maneiras de formar cruzamentos, e não ruas sem saída.



capítulo 4

CAMINHOS QUE SE ABREM: O ENCONTRO COM A DIDÁTICA DO COTIDIANO

4 CAMINHOS QUE SE ABREM: O ENCONTRO COM A DIDÁTICA DO COTIDIANO

Quando iniciei este trabalho, a força que me impeliu foi a didática. Lembro de quando iniciei a graduação e só de pensar na disciplina de Didática meu coração acelerava. Afinal, para quem sonhava em ser professor, didática parecia um saber essencial, primordial até. Para mim, ao menos naquela época, um bom professor tem que *ter* didática. Mas o que seria essa didática? O que seria esse conceito que se torna quase material, algo a ser possuído? Naquele tempo, eu achava que era a capacidade que um professor tem em ministrar aulas interessantes, que ganham a atenção dos estudantes, em poucas palavras, professor que *sabe ensinar*. Eu queria ser esse professor que sabe ensinar, que tem didática.

Entretanto, ao longo das aulas e do próprio curso, me questionei se eu realmente tinha essa capacidade. Ministrar uma aula parecia algo tão desafiador, e ainda parece. Ainda mais quando pensamos nos diversos contextos em que uma aula pode acontecer. Há o local, se é uma sala de aula convencional, se está dentro de uma instituição pública ou privada, se está ocorrendo em outro espaço, a faixa etária dos indivíduos presentes, suas características sociais (etnia, classe, gênero, sexualidade, etc), entre tantos outros fatores que mexem com a estrutura de o que pode ser o contexto de uma aula. E eu, um jovem aspirante a professor, com medo de não saber dar conta do recado. Será que eu teria didática?

Fui entendendo, aos poucos, que a didática não é um conceito fechado e limitado. Muito pelo contrário, ela é uma abertura de caminhos. Embora venha de uma origem técnica, da expressão grega *techné didaktiké* — arte de ensinar (Costa, 2009) —, a didática anda na direção da maleabilidade, no oposto da rigidez do território do esperado; ao lidar com o inesperado, o imprevisível (Costa, 2009), a didática encontra o território do cotidiano e suas possibilidades.

Tratando do cotidiano como um campo de imprevisibilidades, o temos como uma potência criadora. Afinal, ao depararmos com um imprevisto somos obrigados a encontrar uma solução para enfrentá-lo. É preciso analisar o caminho e refazer o trajeto, procurar outra saída, seguir outra rua, trocar de trem, pegar outro ônibus, até

conseguirmos chegar no destino. Nesse sentido, ao lidar com o cotidiano, estamos sempre criando a partir de seus eventos, os caminhos que são abertos diariamente.

A partir de novas discussões nas aulas de Didática, a mesma se mostrou então como um mecanismo de tradução: uma maneira de conduzir o ensino através da aproximação com a linguagem e vivência daqueles a quem a aula se dirige. Essa forma de praticar a didática permite que a aula não seja uma simples transmissão de conhecimentos, mas a criação conjunta de uma rede de saberes.

Como um ato transcriador⁷, educar não se reduz a transpor – de um lugar, de uma fonte, de alguém a outro – um pensamento, um saber, um conteúdo, uma forma ou uma matéria, como se fossem coisas. Educar consiste num processamento vital, que reinterpreta – em termos de linguagem e silêncios, políticas e culturas, valores sociais e fatos temporais. (Corazza, 2016, p. 1320)

É necessário, então, que a didática, nessa perspectiva de tradução e criação, abarque o mundo dos estudantes, aplicando o que eles vivenciam em seus cotidianos para que os conteúdos curriculares estejam mais próximos de suas realidades.

O território da cidade, o contexto urbano formado por desigualdades e deslocamentos, torna-se o cenário principal da vida de estudantes que desde cedo aprendem de formas diferentes a se relacionarem com os lugares que frequentam nesse mundo. Algumas crianças já crescem, por exemplo, aprendendo a andar de ônibus pois é a maneira que os pais conseguem levá-las à escola. Outras, também, crescem indo para a escola com transporte escolar, e não terão a experiência de, citando um exemplo clássico, passar por debaixo da catraca do ônibus (graças a gratuidade para a faixa etária). Já outras crescem utilizando apenas carro particular, e não terão a experiência de ir para a escola já conversando com colegas de várias idades.

⁷ Transcrição é interpretada aqui como um processo de criação a partir da tradução; não é sinônimo de processo tradutor, mas um processo complementar a este, pois entende-se que a partir do movimento de tradução, possibilita-se a criação de novas ideias, saindo, assim, de um conceito de transcrição, que seria a transposição de conteúdos baseando-se em seus contextos originais sem refletir sobre o destino dos mesmos; a transcrição, portanto, tem como objetivo abraçar o novo, apresentando-se em novos contextos e cenários a fim de atingir determinado receptor.

Todas, entretanto, crescem observando a cidade. De forma singular, tanto pela questão óbvia de cada um enxergar o mundo à sua própria maneira, como pelo fato de que cada contexto irá influenciar essa visão de mundo. É diferente olhar a cidade andando pelas ruas e observá-la de dentro de um veículo, e para as crianças isso se torna claro desde cedo. Ademais, como vimos, os contextos influenciam a forma que vivemos a cidade, então é evidente que esse processo é absorvido desde a infância, mesmo que a criança não tenha o completo entendimento sobre esses diferentes aspectos.

Tem-se, então, a ideia de que o direito à cidade torna-se aspecto fundamental de nossa formação enquanto indivíduos, pois é nesse espaço que se manifestam nossas necessidades e anseios e onde nossos direitos deveriam ser garantidos (Ferreira; Ferreira, 2013). As crianças, aos poucos, vão sendo ensinadas a como andar na rua, prestar atenção onde pisa e também onde se atravessa; olhar para os lados para evitar carros e não falar com estranhos (e por aí vai). Tais ensinamentos se mesclam à pintura do imaginário da cidade que se constroi na cabeça dos pequenos: as ruas são grandes, mas também perigosas, tome cuidado. As lojas também são grandes, mas cuidado com o que toca para não quebrar nada. Os semáforos são coloridos, observe bem para poder saber se deve atravessar a rua ou não. A cooperação de ensinamentos entre escola e família surge na concepção do conceito de cidadania, que pode começar com simples atitudes como não jogar lixo na rua, ajudar aqueles com dificuldades, oferecer seu lugar em assentos e filas para quem tem necessidades especiais; até ideias mais complexas que compõem o repertório de conhecimento sobre a sociedade, como o funcionamento da organização política da cidade e do país. O processo de aprender sobre o mundo em que vive é construído através da compreensão de todos esses aspectos.

O direito à cidade está associado ao poder, sendo o aprendizado do direito à cidade uma decorrência da reivindicação desse como espaço, como estruturas espaciais, moradia, escola, água, lazer, dentre outras reivindicações. Por isso, é que a pedagogia da cidade se dá pelo e no aprendizado na própria cidade, pois estas carregam seus símbolos, suas identidades culturais, seus valores possibilitando novos significados sociais para a experiência urbana. (Medeiros Neta, 2016, p. 110)

É a partir dessa construção que entendemos que, mesmo sendo todos parte de um mesmo sistema, as relações que se dão entre os seres e o meio não são as mesmas; como vimos anteriormente, cada experiência de vida na cidade é única, mas cada grupo social encontra suas próprias dificuldades em viver nas grandes cidades. A descoberta dessa diferença pode se dar, inclusive, no próprio espaço escolar, onde diversas realidades e contextos se conectam e se chocam, sendo necessária a promoção de um ambiente em que essas conexões ocorram de maneira integrativa e não excludente, pois as desigualdades não deveriam estender seus impactos negativos para dentro da escola. Isso quer dizer que precisamos de estruturas que possibilitem essa integração entre estudantes desde a preparação da equipe pedagógica e operacional da escola assim como o currículo e as estratégias de ensino realizadas em sala. É um tópico denso e que se faria necessária uma abordagem mais minuciosa aqui, falando sobre cada setor escolar e suas necessidades, mas o foco é no que temos como possibilidade no momento “x” do ensino, que é o momento em sala.

É nesse ponto que uma didática do cotidiano surge não como uma chave de salvação, mas um pensamento, um recurso de reflexão e ação que impacta diretamente na forma que a interação em sala de aula acontece. É entender que as relações transportadas pelo mundo urbano chegam na escola, e tocam aquilo que cada aluno pensa, ouve e sente.

Assim, uma postura sensível do urbano possibilita uma pedagogia pautada em sentimentos, afetos e emoções para e no viver urbano e pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (Medeiros Neta, 2016, p. 113)

A sensibilidade perante ao cotidiano nos permite abraçar as intercorrências dele de maneira proveitosa para o próprio ensino e também, certamente, respeitosa com as vivências que existem ao nosso redor. Saber que cada um veio de um lugar diferente e vive uma realidade diferente, com rotinas diferentes que configuram necessidades diferentes no dia-a-dia. E, não só isso, mas aprender a lidar com os imprevistos cotidianos que também podem mudar para cada realidade. Uma mesma

chuva pode impedir que um estudante chegue na escola, ou mesmo perca itens de sua casa, enquanto para outro nada terá mudado. São características do cotidiano, e a compaixão por essas dificuldades é um fator essencial para que essa forma de conduzir a programação pedagógica funcione. Até porque qualquer um pode passar por dificuldades no cotidiano e tem que encontrar as próprias maneiras de alinhar sua realidade pessoal com a profissional. Audre Lorde comenta sobre as singularidades do cotidiano do professor em seu texto “Poeta como professora — A humana como poeta — A professora como humana”, presente no livro “I am your sister” (2009):

Toda vez que falo sobre esse tema fico dividida entre dizer: tudo bem, é assim que dou essa aula específica em determinado dia, estava chovendo, a aula funcionou/não funcionou... Em contrapartida, para lidar com o que considero ser mais fundamental do que qualquer técnica — porque a técnica varia conforme múltiplos fatores —, o exercício que escolho para um dia chuvoso com o mesmo grupo é diferente do que o que eu escolheria se fosse um dia bonito, ou no dia seguinte ao assassinato de uma criança negra por um policial, pois, não se enganem, esses climas emocionais são minuciosamente absorvidos e metabolizados pelas crianças. Então, mais do que uma técnica, acredito ser fundamental a minha percepção como um todo. A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. Elas me parecem a mesma. (Lorde, 2009, p. 182)

A fala de Lorde traz a humanização do professor, que é, logicamente, maior do que sua profissão. As eventualidades do cotidiano também o atingem, e atingem como seu trabalho é conduzido. Desde um dia chuvoso, até um caso violento como de brutalidade policial com crianças negras — exemplos citados por Lorde —, toda situação pode ser um fator que altera a dinâmica de uma aula.

A didática do cotidiano permite olhar para essas minúcias e explorá-las em sala sem que seja retirada a devida importância de cada caso — afinal, não dá para olhar para um episódio de racismo policial de forma simples; mas trata-se de conduzir essas situações integrando-as ao mundo escolar, proporcionando discussões e, conseqüentemente, a promoção de mais aprendizado para todos os envolvidos. A didática do cotidiano, então, direciona o olhar para o presente, para cada situação que nos cerca e nos faz lembrar que a vida não se separa em planos diferentes ao se colocar dentro e fora da escola; os muros físicos não precisam ser

também intelectuais. São processos integrativos, como mencionado anteriormente, que propõem uma postura de inserir-se no tempo presente, no que está sendo discutido e vivido agora, segundo Oliveira (2014, p. 31): “O sujeito como um lugar de cruzamentos, em que acontecimentos o atravessam, (re)coloca a necessidade de um olhar preocupado com as minúcias, com o instante, com o presente”.

O dia a dia acaba por ser um conceito que vai além de uma ideia de repetição, mas também o local de exploração de novidades que surgem dentro de algo já conhecido, que podem ser trazidos para outros lugares que cada indivíduo está inserido, como o trabalho ou a própria escola.

Existe, nas atividades cotidianas, a continuidade de determinadas situações que, pela sua repetição, tanto nos asseguram criar intimidade e nos apropriarmos, como também nos dão “terra firme” para podermos vislumbrar o mundo que nos cerca. Ao mesmo tempo, são nelas que emergem acontecimentos imprevistos, abrindo-nos para alargar horizontes e afrontar o desconhecido. (Carvalho; Fochi, 2017, p. 25)

O “afrontar o desconhecido”, visto na citação de Carvalho; Fochi, é a superação de desafios que surgem nas vivências rotineiras, que dentro do mundo urbano são muito comuns. E por mais comuns que sejam, uma experiência sempre vai ser diferente da outra. Mesmo que você tenha vivido várias vezes a situação de enfrentar a chuva para se deslocar pela cidade, a chuva nunca é a mesma, a qualidade do trânsito também não, assim como o funcionamento do transporte público ou mesmo o seu humor para enfrentar tal situação dessa vez. Nesses encontros e desencontros provocados pela vida, somos induzidos a nos adaptar e rever nossas reações perante aos acontecimentos mais simples. É possível lidar com calma ou revoltar-se ou até chorar: todo dia é uma nova oportunidade de ser algo novo, e nessas vivências, aprendemos.

É, portanto, no encontro com o mundo cotidiano que a aprendizagem se dá; ele é o tecido onde as linhas se cruzam e o bordado aparece. A vivência do dia a dia é que faz o conteúdo visto na escola fazer sentido, e onde verifica-se se o aluno realmente conseguiu tomar para si aquilo que lhe foi apresentado.

Ao acompanhar a mãe ao mercado, visualizando marcas, produtos, dinheiro, a criança passa por um aprendizado fora do espaço formal da sala de aula. Quando recebe os valores básicos da educação está aprendendo, desenvolvendo-se enquanto cidadão e ser aprendente. Da mesma forma, na escola, durante o intervalo, ao receber orientações, está aprendendo acerca de convivência, de higiene pessoal, entre outras possibilidades. Diante desses pequenos exemplos, reforçamos que o ato de aprender não se dá apenas nas chamadas salas de aula, mas em todo espaço de convivência onde haja estímulo e solicitação para que a criança assimile uma informação nova, um fato ou mesmo um conceito. (Dos Santos; Inforsato, 2011, p. 81)

Sendo assim, podemos dizer que o processo de ensino aprendizagem se dá num cenário múltiplo, que une a escola ao cotidiano de cada aluno. Mesmo que esses cotidianos sejam diferentes, o processo ainda ocorre pois é justamente na singularidade do cotidiano que a observação é feita; não seria possível, ou seria muito difícil, que um processo eficaz de aprendizagem ocorresse em contextos alheios à experiência de cada aluno, pois é necessário que haja conexão entre os pontos para que o conteúdo aprendido faça sentido para ele. Isto é, é mais fácil, e muito mais provável, que a aprendizagem aconteça porque a criança assimila com o que observa em sua vida cotidiana, pois “é no cotidiano que nos tornamos observadores de nós mesmos, do outro e do mundo” (Oliveira, 2014, p. 23) — mas, para isso, é evidente que haja algum tipo de alinhamento entre seu contexto pessoal e o que foi apresentado em sala de aula. É onde vemos, portanto, a ação de uma didática do cotidiano que promove essa aproximação entre mundos: mostrar que aquele conteúdo pode ser visto no dia a dia de cada um, e como pode ser visto. Como aponta Dewey (1991, *apud* Branco, 2010), essa conexão aparece a partir das reflexões formuladas pelas experiências vividas:

Segundo Dewey (1991), a formação de hábitos reflexivos requer três passos essenciais: 1. estabelecer condições que despertem e guiem a curiosidade; 2. encontrar ligações nas situações experienciadas que favoreçam a sua aplicação em situações posteriores; 3. formular problemas e propósitos que levem o estudante a considerar novas questões e novas perspectivas (Dewey, 1991, *apud* Branco, 2010, p. 607)

Logicamente, faz-se necessário que a abordagem dos assuntos estudados tenha uma visão aberta para o mundo exterior, que seja ampla em sua forma de

abraçar os mundos vividos pelas crianças e adultos dentro e fora da escola., aproximando a relação entre professor e aluno, pois como nos ensina Paulo Freire (2015, p. 74), “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”.

Voltamos, assim, à importância da afetividade no contexto de ensino aprendizagem que alinha essas ideias. O sentimento de pertencimento tanto é intrínseco à construção da identidade de cada indivíduo na cidade quanto no ambiente escolar e todos os outros espaços que ele frequenta; é, afinal, o ponto principal da discussão sobre a integração de diferentes aspectos da vida de cada um em sua formação pessoal. Sentir-se pertencente ao cenário escolar é extremamente importante para uma criança e adolescente, pois é ali que eles encontram seu maior grupo social: outros indivíduos da mesma idade, e possivelmente contextos semelhantes, mesmo que não iguais, além de uma diversidade de identidades pessoais que também estão em construção.

Mas para além do pertencimento entre colegas, ou seja, para além da identificação social com aqueles com quem divide espaço de estudos e momentos livres diariamente, é preciso que haja, para o estudante, a identificação com as discussões que ocorrem em sala de aula, as atividades propostas pela escola e todo esse cenário escolar. Uma didática que concilia vários contextos possibilita, assim, que as realidades dos alunos sejam exploradas também no cotidiano escolar, ou ao menos acolhidas dentro dele. A pedagogia do cotidiano urbano aciona a importância de agregar os diversos cenários que caracterizam os estudantes e também os professores e outros profissionais que integram a escola, de modo que cada história seja reconhecida, e não esquecida.

4.1 Travessias do conhecimento: o quê, e para quem, a didática cotidiana ensina?

Quando falamos de uma didática que apropria o cotidiano urbano em sua rotina, falamos de uma abordagem que utiliza a vivência de cada um para explorar

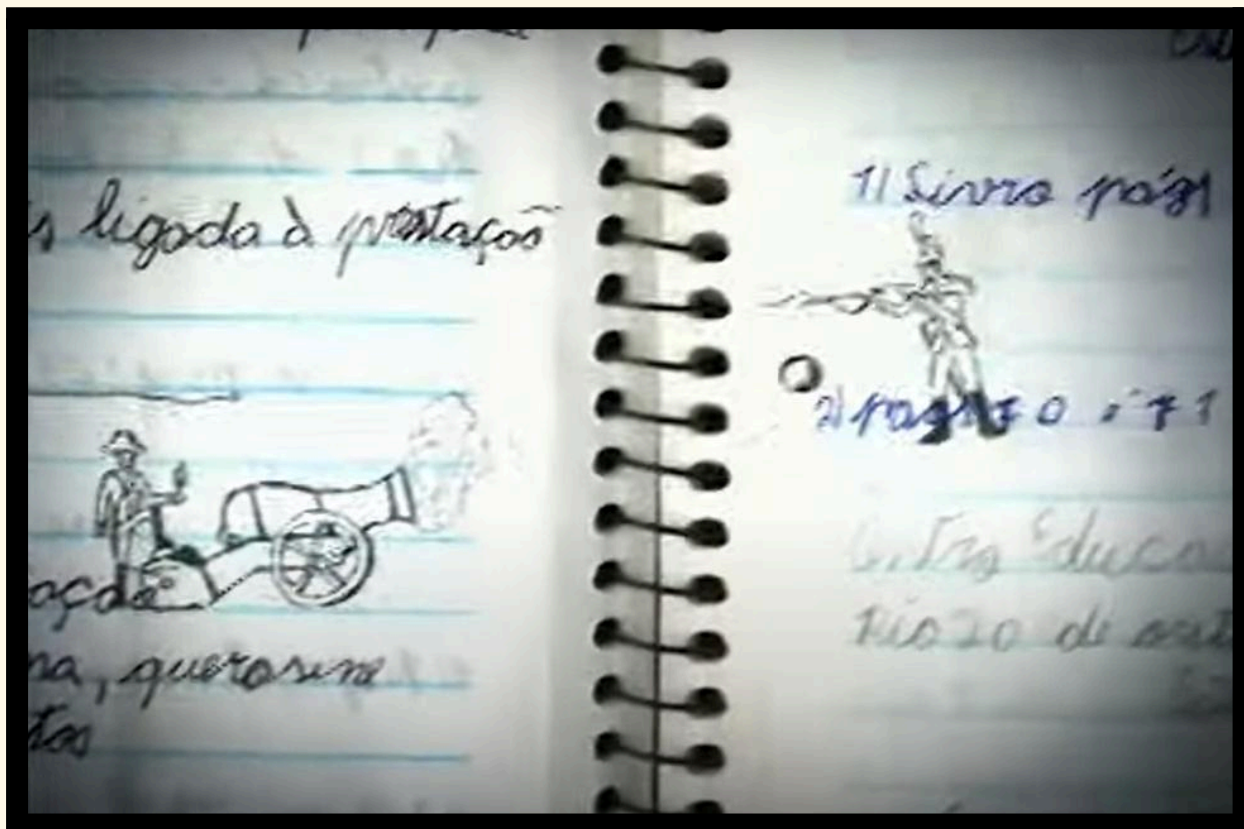
as temáticas e conteúdos vistos em sala de aula, aproximando o contexto de vida individual do contexto escolar. Essa aproximação, como vimos, não só enriquece o aprendizado por tornar o conteúdo mais “palpável” para o aluno, mas também traz a questão afetiva, fazendo com que esse ensino seja realmente interessante e o aprendizado seja mais eficaz — o estudante o guardará consigo por questões que extravasam o cenário escolar.

Durante as aulas de Didática, fiz um trabalho em grupo cujo eixo temático era a pergunta “o que é uma aula?”, que propiciou discussões que casam com o que está sendo abordado neste trabalho: trabalhamos em cima do que consideramos importante destacar para a realização de uma aula, e dentro disso, a apropriação⁸ dos contextos em que uma aula acontece. Em um de nossos encontros, um colega apresentou uma cena da série “Cidade dos Homens” (Rede Globo, 2002) em que um adolescente usa de seu próprio cotidiano para explicar para sua turma a matéria que estava sendo estudada na aula de História. Essa cena me marcou muito por ser exatamente o que estávamos apresentando naquele trabalho e ficou tanto dentro de mim que, ao escrever esta pesquisa, sabia que precisava reencontrá-la e trazê-la para cá.

A cena acontece durante o primeiro episódio da série, “A coroa do imperador”. Neste episódio, é apresentado que os alunos de uma escola municipal do Rio de Janeiro estão estudando a vinda da Coroa portuguesa para o Brasil, em 1808. Ali conhecemos Acerola, um menino que parece ser mais quieto, fechado, mas muito criativo e imaginativo, pois suas anotações estão repletas de desenhos sobre aquilo que está ouvindo. Os efeitos visuais da série fazem as ilustrações saltarem das páginas e preencherem a tela, mostrando que o aluno está absorvido no que imagina sobre a história, principalmente no que diz respeito às cenas de conquista de território e guerra.

⁸ O termo apropriação aqui é utilizado no significado de tomar uma ideia, cenário e/ou caso para dentro de um determinado contexto; no caso, sala de aula.

Figura 2: Caderno de Acerola em cena da série “Cidade dos Homens” (2002)



Fonte: Cidade dos Homens [...], canal Cidade dos Homens (YouTube), 2024

Enquanto isso, ouvimos outras crianças fazendo perguntas que parecem simples para a professora, que não demonstra muita paciência para respondê-las devido a simplicidade das mesmas, e está mais preocupada em falar todo o conteúdo. A turma está ansiosa para um passeio ao Museu Nacional do Rio, mas a professora os lembra de que antes disso haverá uma avaliação oral sobre o tema, então todos precisam entender a matéria.

De certa forma, a maneira da professora dar aula seria o que popularmente chamamos de “não ter didática” (como citei no meu próprio entendimento de didática no início do terceiro capítulo). Sua aula é baseada em falar todo o conteúdo, praticamente sem pausas, com termos que as crianças acham difíceis e confusos — o que causa o surgimento de dúvidas, que interrompem constantemente a explicação da professora e a deixam impaciente. De fato, não há um gerenciamento positivo da turma por parte da docente, mas é uma característica marcante da sala de aula de turmas adolescentes (principalmente na rede pública,

que costuma ter mais crianças). São questões que surgem nesses contextos, e o objetivo da série não é julgar o comportamento docente, mas explorar o fato de que a turma não está conseguindo seguir as explicações dessa professora.

Seguindo este ponto, o episódio busca entrelaçar o que o personagem Acerola está estudando na escola com o contexto em que ele está inserido. Ele mora em uma das favelas da cidade, que como vimos, são parte do processo racista de urbanização das metrópoles, marginalizando o povo indesejado pela elite e criando dificuldades para sua sobrevivência. Um desses problemas é o tráfico de drogas, cujos “chefes” acabam por controlar tudo que acontece na favela, inclusive demarcando territórios dentro dela. No morro em que Acerola vive, dois traficantes disputam poder: B.B, na parte baixa da favela; e Mocotó, na parte alta. Uma faixa queimada de terra e um escadão dividem as áreas, pontos chave para a venda de drogas pelos participantes do crime organizado. Durante o episódio, o contexto da guerra entre traficantes é conectado pelas crianças com fatos que ocorrem pelo mundo, como por exemplo, a questão da disputa territorial na Faixa de Gaza. Na trama principal do episódio, ainda, a violência na favela fica ainda mais marcada para Acerola quando ele é assaltado por membros da facção rival (do Mocotó, que são chamados de “alemães”) e perde o dinheiro do passeio escolar. Seu amigo Laranjinha o ajuda dando dinheiro que seria do remédio de sua avó, mas como precisam recuperar aquele dinheiro mais tarde para comprar o remédio, Laranjinha pede ajuda da facção do B.B, que irados ao saberem da presença dos inimigos partem para conflito armado em plena luz do dia.

Na escola, estuda-se a guerra que forçou a corte portuguesa a migrar para o Brasil. Na favela, a guerra é vivenciada, memorada por quem já a testemunhou, representada no noticiário da tevê, simulada no videogame. São guerras distintas: longínquas como as napoleônicas, que estão registradas no discurso da História; lúdicas, como as batalhas desenhadas no caderno de Acerola e o videogame jogado com amigos e vizinhos; espetacularizadas, como o conflito na Faixa de Gaza transmitido pela tevê; dramaticamente encenadas, como os depoimentos dos atores, também eles personagens, na vida real, de episódios violentos; contemporâneas e perigosamente próximas, como a luta entre B.B. e Mocotó pelo acesso ao Ladeirão. Guerras do passado e do presente. Conflitos internacionais e locais. Batalhas do mundo ficcional e do mundo real. De todo modo, guerra. (Taddei, 2009, p. 11)

Num dos dias seguintes, a turma está tendo a aula anterior ao passeio. Quando a professora questiona sobre o que eles estavam aprendendo, vê que a maioria aparentemente não entendeu nada e diz que vai cancelar a excursão. Neste momento, Acerola se voluntaria a explicar a matéria para a turma em troca da confirmação do passeio. A professora aceita, e o menino procede em apresentar uma explicação à sua própria maneira, relacionando o processo de conquista territorial de Napoleão e a fuga de D. João VI de Portugal para o Brasil com o funcionamento do crime organizado (Figura 3). Na explicação de Acerola, Napoleão é chefe do tráfico; França, Inglaterra, Portugal e demais países são morros; e todo o processo de conquista de territórios é associado aos conflitos entre facções. Durante toda a “aula” de Acerola, os outros alunos ficam em silêncio, demonstrando atenção e interesse no assunto, e, quando ele termina, a professora consegue concluir a aula segurando esse gancho de atenção. Na sequência, imagens dos personagens traficantes B.B e Mocotó são exibidas em paralelo à explicação da queda de Napoleão, em que Mocotó é o imperador que renuncia e se exila, e cenas dos conflitos no morro são como a retomada de território dos outros países. São formas de ainda associar um conteúdo didático com um cenário popular, aproximando do contexto do próprio episódio.

Figura 3: Acerola dá aula de história aos colegas em “Cidade dos Homens” (2002)



Fonte: Cidade dos Homens [...], canal Cidade dos Homens (YouTube), 2024

A assimilação dos contextos feita por Acerola é o que compreendemos como a didática do cotidiano. Ao comparar a história de Napoleão com a guerra na favela, ele está usando sua perspectiva cotidiana para entender aquele assunto. É seu olhar de morador de uma comunidade que vive disputas de poder diariamente, e a violência que esses conflitos geram. Vemos, então, como o conceito de experiência é indissociável do conceito de aprendizagem, pois nesse cenário descobre-se a conexão entre as coisas (Dewey *apud* Branco, 2010). Cenas que o garoto observa e presencia ficam em sua mente, seu imaginário pessoal, e fazem parte de sua identidade por serem fatores característicos marcantes do lugar em que vive, pois segundo Silva (2006), “o ser humano tem seu valor ligado ao lugar em que está”. Assim, fica claro que estes fatores são não só significativos como intrínsecos ao seu processo de aprendizagem. Não só para ele: ao vermos que a turma finalmente está atenta ao conteúdo graças à sua explicação, assumimos que suas vivências devem ser no mínimo semelhantes e que conhecem bem aquele tipo de cotidiano, tornando assim mais fácil todo o processo de assimilação e aprendizagem.

É, novamente, o movimento que a afetividade faz conectando o indivíduo ao lugar e o assunto. As crianças sentiram-se mais próximas da matéria ao observarem como podiam criar paralelos entre a mesma e seus mundos pessoais. Estabelece-se uma relação de prazer, necessária para o vínculo e a sensação de que aquele estudo é agradável. Não se pode, então, desassociar a aprendizagem do prazer, pois como vemos em Dos Santos; Inforsato (2011, p. 83), “é reduzir o ato pedagógico à consecução de meros objetivos instrucionais (...) É impedir que a vida penetre no ambiente escolar, tornando-o estéril, impróprio para relações de vivência e de aprendizagem”. A aproximação da aprendizagem ao cotidiano de cada um é também a possibilidade de construção de novos conhecimentos a partir da afetividade, pois como vemos em Brougère; Ulmann (2013, n. p.), “aprender na vida cotidiana é constituir, por via dos encontros, atividades, observações, dificuldades e sucessos, um repertório de práticas”.

Respondendo a pergunta que dá título a este capítulo, a didática cotidiana ensina a todos sobre todos. O contexto de ensino-aprendizagem que é abarcado pela perspectiva cotidiana tem como maior riqueza o reconhecimento de todos os contextos ali existentes, e conseqüentemente todas as ideias, reflexões, observações e comentários que surgem da exposição das memórias e vivências de cada um. Na verdade, a didática cotidiana não ensina: são os próprios indivíduos que se ensinam. A troca de experiências se transforma em troca de ensinamentos, onde cada um pode aprender algo com o aprendiz do outro. Os ensinamentos atingem a todos, inclusive os professores, que também têm seus cotidianos inseridos dentro da aula. É uma forma de aproximar todos os integrantes do grupo e reconhecer os processos que cada um passa diariamente.

Uma aula que leve em conta os aspectos humanos do ser reaproxima o professor de sua dimensão humana de sonhos, frustrações, dificuldades e múltiplas habilidades, dando-lhe condições de também atuar como ser entre seres, na condição de condutor e de aprendiz, vivendo as relações travadas nas salas de aula, em múltiplos espaços de aprendizagem e não apenas naquelas de formato retangular, com lousa, cartazes etc. (Dos Santos; Inforsato, 2011, p. 81)

4.2 Cotidiano como potência criadora: expressão artística

Uma didática do cotidiano escreve o encontro do comum com o acaso, o esperado e o inesperado, o conhecido e o desconhecido. Nessas entrelinhas encontramos o potencial para a criação, a possibilidade de imaginar novas situações e soluções para tudo que vivemos diariamente. As vivências diárias são nossa constante criação de mundo, pois todos os dias estamos criando novos mundos dentro do que já conhecemos: o cotidiano é a novidade dentro da mesmice.

Criar o mundo cotidiano é aprender o mundo, entender como ele funciona para mergulhar nele. O mundo cotidiano é um mundo aprendido, na passagem da estranheza à familiaridade. (Brougère; Ulmann, 2011)

Quando penso em possibilidades para aulas de arte que trabalhem o cotidiano, penso que a porta de acesso é a própria exploração desse conceito de cotidiano como potencial criativo. Para Oliveira (2014), quando pensamos no cotidiano através da apreciação do presente — que a autora chama de presenteísmo — o tiramos da ideia de algo alienante e o configuramos como “possibilidade da criação a partir de um investimento sobre aquilo que pode estar ao nosso alcance, sobre o cotidiano, fazendo do vivido uma obra de arte” (2014, p. 21). A observação viva do dia a dia, refletindo o modo como estamos presentes nele, é o ponto de partida desse processo, que continua com o surgimento das ideias, que são então transpostas em palavras, imagens, ações corporais, enfim. A expressão artística a partir do cotidiano é infinita, pois é essa característica de constante criação/destruição que o permite se renovar diariamente, sendo ela própria fonte de aprendizagem (Brougère; Ulmann, 2013). Percorrer esses caminhos é construir uma fortaleza para processos imaginativos, criadores, libertá-los dos obstáculos criados pela falsa ideia de que o cotidiano seria uma prisão repetitiva, sendo que, como vimos, é muito pelo contrário. As experimentações provocadas pela observação e fruição do cotidiano expandem as possibilidades educacionais, como vemos em Oliveira (2014):

A esse processo se soma o objetivo de liberar a criatividade e a imaginação coletiva a partir de outras experimentações, de outros desenhos educativos, de outros formatos educativos. O que faz com que a educação vá além de um conjunto de procedimentos que se constituem em uma técnica de formação dos indivíduos, e se desenvolva como a experiência da poíesis, comportando a prática de estimular a criação que está em potência em cada um e na sua alteridade, caminho interessante para o desenvolvimento da autonomia. (Oliveira, 2014, p. 29)

Assim, apreciando o urbano ao nosso redor, seja de forma crítica ou romantizada ou apenas analista, podemos experimentá-lo artisticamente e filosoficamente, atribuindo conceitos, ideias, observações que mudam de fato nossa relação com ele. Em minha produção artística pessoal, a fotografia permitiu que minha relação com meu cotidiano se tornasse mais generosa, à medida em que as pessoas que eu vejo e os lugares que eu frequento são objeto sensível das imagens, protagonistas desses registros que saem da minha mente e desenham os cenários da minha vivência. Tudo que eu capturo mentalmente tento colocar em imagens e palavras, e o mais interessante é justamente a forma como nada sai como o planejado, tanto pelo fato de que uma câmera nunca vai capturar exatamente o que eu vejo, como pelo próprio movimento de mudança dentro do cotidiano. A maioria das minhas fotografias surgem quando estou no meu deslocamento diário e observo, em algum instante, que o que estou vivendo dará um bom registro; e, em companhia, o pensamento de que quero registrar aquele momento por ser aquele momento. É um momento de quebra da rotina, onde escolho parar o automático e ser tomado por outra sensação, uma emoção, uma sensibilidade, algo que muda o foco do meu olhar e, mesmo sendo uma distração, mostra que a vida é algo maior do que eu sequer consigo conceber; onde visualizo a vida como obra de arte, paralelo ao pensamento de Oliveira (2014):

A possibilidade de pensar a vida como obra de arte, e o instante como não determinação, para além da conotação de hábito, também encontrada na definição de cotidiano, coloca-nos diante de uma apreensão do mundo que é intencional, constituída de interesses, de desejos, de sonhos. (Oliveira, 2014, p. 23)

As fotografias a seguir (Figuras 4 e 5) foram feitas nesse contexto do caminhar diário, observando a rotina da metrópole enquanto traço minha própria rotina nela, onde busco revelar meu olhar sobre esses momentos e sobre a vida

acontecendo ao meu redor. Me comparo novamente ao amante da cidade contemplado por Baudelaire:

Pode-se também compará-lo (...) a um caleidoscópio dotado de consciência que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que, a cada instante, o traduz e o exprime em imagens mais vivas que a própria vida, sempre instável e fugidia (Baudelaire, 2010, n. p.)

Figura 4: Deslocamentos (ou Brás: uma longa jornada) — Fotografia digital, 2022



Fonte: Elaborada pelo autor em 2022.

Figura 5: Rua Elisa Fláquer — Fotografia analógica, 2024



Fonte: Elaborada pelo autor em 2024.

É nessas rupturas com o automático que aprendo mais sobre mim, sobre o mundo ao meu redor, sobre a vida. É nessas quebras que reconheço meu território, minha identidade, minhas vontades, meus desagradados, minhas paixões. Duram um instante, mas a partir do momento que a criação começa, lá nos cantos da mente em que se originam as ideias e reflexões, sei que o pensamento vai me levar longe, vai durar mais que aquele minuto. E se sou sortudo o suficiente para ter um registro físico, fico feliz. Às vezes, vira uma anotação no bloco de notas do celular, para em outro momento virar desenho, poema, música, enfim. Às vezes não vira nada, e nem precisa: o fato da imaginação ter sido afluída e impelida a dançar pelo meu ser é um movimento tão delicadamente transformador quanto se virasse algo concreto. Porque é desse momento que reconheço que existe, sim, a potência criativa em mim, potência motivada pelo cotidiano. É nesse momento que algo maior nasce e me conecta com todas as minhas dimensões.

Desta forma, a dinâmica propiciada pela vida cotidiana é o que nos coloca em constante situação de aprendizagem, e cabe a nós identificarmos essas

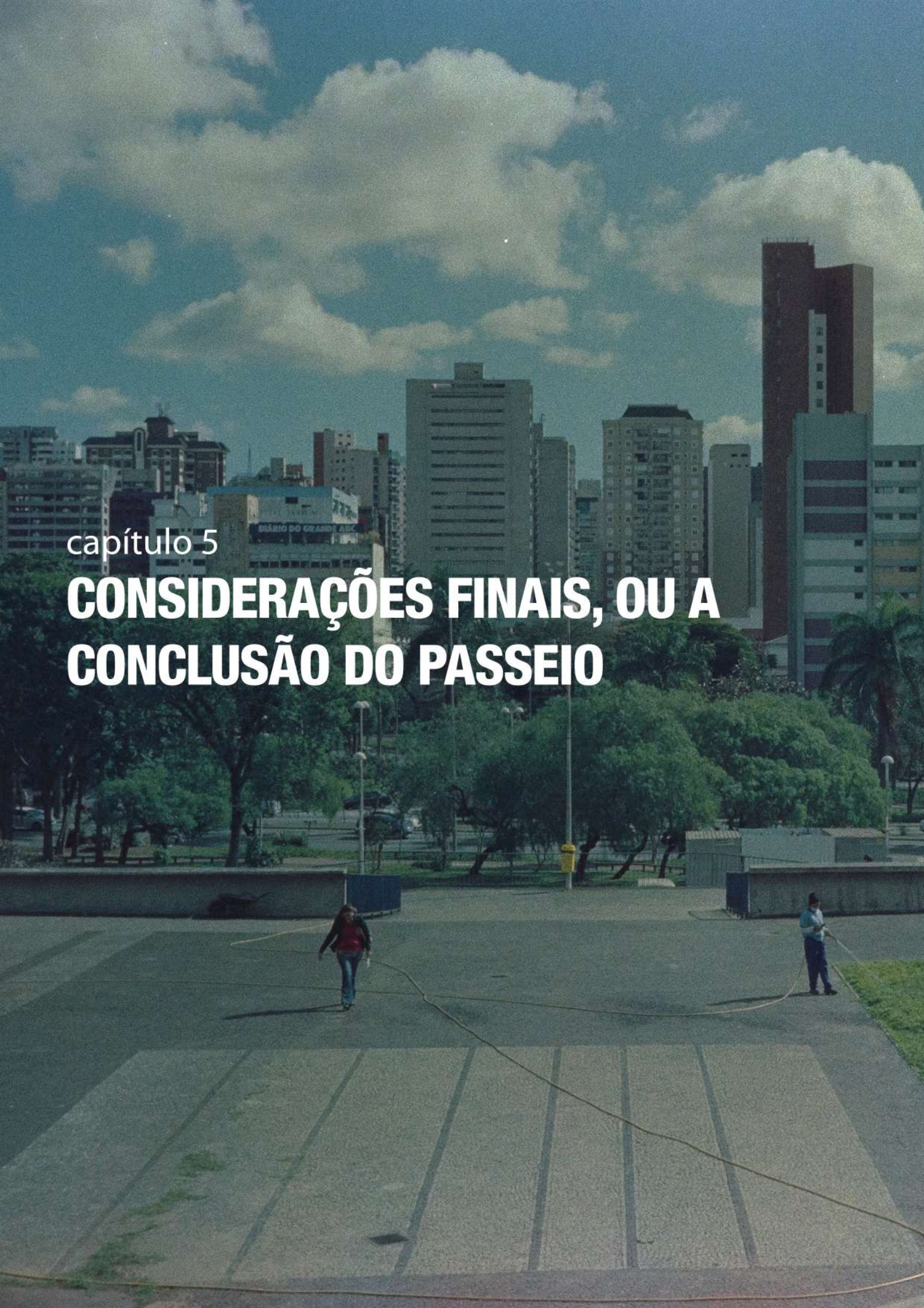
potências e enxergar as possibilidades criadas pelo encontro do esperado e o inesperado em nossas rotinas:

Desse modo, defendemos que o cotidiano, em sua relação com o currículo, é um importante catalisador de experiências. Acreditamos que é a partir da potência do cotidiano (da vida emergente das relações ordinárias estabelecidas no contexto institucional) que podemos pensar no desenvolvimento de potentes ações pedagógicas que propiciem às crianças assumirem o papel de protagonistas na construção dos conhecimentos e de parceiros de jornada com os adultos professores. (Carvalho; Fochi, 2017, p. 29)

Reconhecer a importância de uma didática/pedagogia que valoriza o cotidiano é reconhecer a valorização da vida no contexto educacional, e além dele: o que aprendemos na escola deve atravessá-la e atingir o mundo pessoal de cada um; e o que se vive em cada mundo pessoal deve chegar, de maneira respeitosa e acolhedora, na sala de aula. Precisamos que os muros da escola não sejam, afinal, barreiras intelectuais com o mundo exterior.

capítulo 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU A CONCLUSÃO DO PASSEIO



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, OU A CONCLUSÃO DO PASSEIO

Ao longo desta pesquisa, me deparei com incertezas que fizeram investigar ainda mais o assunto do texto. De que formas o cotidiano realmente nos movimenta? Qual é exatamente o papel da vivência urbana nos aprendizados? Percebi que, em meio às perguntas, não cheguei a conclusões muito precisas, mas definitivamente cheguei a caminhos possibilitados por elas, e esse talvez fosse meu maior objetivo: a abertura de caminhos para sustentar a discussão sobre o cotidiano e a aprendizagem.

Ao retomar o traçado da minha própria trajetória pela cidade, lembrando o início das minhas observações enquanto me deslocava entre Santo André e São Paulo, entendi que a cidade realmente sempre me causou deslumbramento por me permitir ver a vida de forma poética, tentando me desvencilhar do lugar comum da pressa cotidiana e o vazio dessas vivências, e nesse sentido me vi abraçado pelas palavras de Azoilda Trindade quando a autora menciona que o deslumbre a inquietou e deixou inscrições em sua existência (2008, p. 1).

Apresentado o conceito de cotidiano e os aspectos da vida na cidade, que se desdobram nos eixos do pertencimento e afetividade, vimos que estes implicam diretamente na qualidade de vida das pessoas que vivem o dia a dia urbano, e, portanto, sua experiência com ele. Estar conectado ao lugar em que se vive vai além de estabelecer uma moradia e um emprego, tem a ver com se identificar com aquele lugar e se sentir visto nele, pertencente à ele. Nesse sentido, as noções de pertencimento são muitas, e aí constroem-se as identidades dos moradores da cidade, formando então a pintura plural e diversificada da mesma. Entretanto, foi importante pontuar que reconhecer-se na cidade é atravessado por diversos problemas sociais, como preconceito e violência, que estão dentro do aspecto citado anteriormente que é a experiência com a vida urbana.

Na didática que trabalha a aproximação com o cotidiano, a ideia de um conceito de tradução e criação vem para ajudar a trazer este cotidiano para dentro

da sala de aula, mostrando que as realidades que existem pela cidade podem sim ter espaço na escola, reforçando os laços de pertencimento e afetividade que são tão fragilizados pela vida urbana. Ou seja, fortalecer a conexão entre o indivíduo, sua experiência de vida e seu aprendizado torna a relação entre o ser e o meio mais harmoniosa, faz o mundo ser visto de outra forma por aquela pessoa. Quando sua vida, em todas as dificuldades e qualidades, é reconhecida, a relação de ensino aprendizagem é outra, pois então tudo que se aprende vivendo ganha outro sentido, outra conexão. Como quando Acerola consegue utilizar sua vivência no morro como ferramenta de ensino-aprendizagem sobre a História do Brasil.

Com este trabalho, concluí que o ensino tem que atravessar as realidades de todos, não de forma massificada, mas permitindo a cada um que busque formas de encarar a própria vida como algo a ser aprendido e ensinado. É nesse ponto que o cotidiano se abre como um jogo de possibilidades, pois enxergar suas mudanças diárias faz com que aproveitemos essas brechas para criarmos saídas, soluções, ou mesmo que façamos observações sobre novas descobertas em meio à rotina. Ver a beleza no dia a dia é exercitar o potencial criativo do cotidiano, pois estamos o tempo todo criando: criando saídas, ideias, palavras que se juntam em nosso imaginário e pintam imagens de nossa visão de mundo, cada uma diferente e única.

Em meio às saídas poéticas, me despeço nessa conclusão com uma reflexão poética sobre nossa jornada pelas ruas da didática do cotidiano urbano.

Nosso passeio pela cidade termina em uma rua já conhecida. Choveu, e ela está coberta por poças d'água, então temos que tomar cuidado para não pisar nelas e nos molharmos. Mas paramos para observar a beleza das imagens espelhadas nessas formas disforme espalhadas pela distância, e como essa imagem nos inspira a sorrir, talvez cantar, lembrar de um filme em que um casal dança na chuva, pensar em fazer um desenho representando gotas cristalinas, criar palavras que poetizam o ar fresco e refletem sobre o contraste dos espelhos e a lama na beira das calçadas. É difícil andar pela rua, e aprendemos com isso; mas também aprendemos que ela tem belezas que ontem não poderíamos enxergar. Talvez possamos entrar na rua seguinte para contornar essa situação, mesmo que ela seja desconhecida e talvez na verdade o caminho seja mais longo, mas para isso precisamos tentar.

Na rua, lugar que conecta todas as vivências na cidade, aprendemos sobre o ir e vir, e como ele não é o mesmo para todos os cidadãos. Surgem dificuldades causadas por uma imposição de um sistema capitalista, que marginaliza etnias, culturas, identidades e cria caminhos inviáveis para essas vivências. Na cidade, o fruto capitalista é o urbanismo desigual, processo que afasta pessoas, cria barreiras, deixa lento o caminho para casa, trabalho, escola. Cria inúmeros caminhos percorridos por diferentes meios de transporte, e a vida vai acontecendo assim, nessas linhas interconectadas, tantas centenas e milhares que levam milhares e milhões de pessoas em zilhões de trajetos.

Na rua, observamos as diferentes formas de ser e viver. Nessas diferenças, entendemos quem somos e o que levamos conosco para todo lugar. E quando se está surgindo neste mundo, é importante reconhecer que essas diferenças são cruciais para nossa formação de identidade, mas não devem limitá-la. A identidade de cada um brilha em sua própria estrela, e essas estrelas colorem e iluminam o céu da cidade. Para quem está surgindo neste mundo, isto é, nossas crianças e adolescentes, enxergar a beleza desse céu é tão importante quanto aprender quanto é $1 + 1$, pois é da beleza de se enxergar nesse céu que se pode, então, enxergar a magia do porquê $1 + 1 = 2$ e porque é importante aprendê-lo. De entender porque as coisas caem, porque as nuvens se formam, porque estamos neste país hoje e quem já estava aqui antes de nós.

Nesse céu estrelado, cada estrelinha quer trazer a história de seu brilho para compartilhar umas com as outras, e querem que as dificuldades que tiveram para chegar ali, ou mesmo para continuar brilhando, sejam compreendidas. E quando essas diferenças são reconhecidas, tudo muda.

O cotidiano urbano é tão movimentado quanto a galáxia, com planetas que estão o tempo todo girando, corpos que estão sempre de um lado para o outro, virando poeira cósmica e caindo pelos “ares” do universo. E mesmo que tudo gire da mesma forma todos os dias, não necessariamente enxergamos esse movimento da mesma forma todos os dias. Quando paramos para observar as nuances de nosso cotidiano, todas as mudanças que ele provoca diariamente, todas as cenas

que presenciamos e temos diferentes reações, todas as belezas, sutilezas e dificuldades que a cidade nos impõe... nosso processo de entendimento do mundo muda. E, então, aprendemos.

Quando reconhecemos conexões entre diferentes mundos que vivemos, aprendemos. Quando pensamos na diferença de um lugar para outro, aprendemos. Aprendemos também quando reconhecemos quem somos em cada lugar que frequentamos, e quando conhecemos quem também passa por processos semelhantes aos nossos. Quando relacionamos algo que estamos vendo hoje com algo que aconteceu lá atrás, aprendemos. Quando nossa realidade, tão próxima de nós, é reconhecida e/ou utilizada para entender outra história, aprendemos. E queremos aprender mais. E queremos criar mais. Queremos que o mundo não seja uma barreira, nem que as coisas que dizem que temos que aprender sejam tão difíceis que queremos nos afastar. E se elas puderem ser mais próximas? E se pudermos imaginar histórias, fantasias, e talvez criar soluções a partir desses sonhos?

Quando permitimos que nosso cotidiano seja parte real da nossa vida em todos os lugares que chegamos, criamos algo novo em nós. E aprendemos.

Quando a rua chega na escola, o muro da escola cai. Quando a escola chega na rua, o semáforo está sempre verde para todos.

Deixemos, então, que o choque do cotidiano aconteça. Que sejamos atravessados pelo contato entre o novo e o velho, o comum e o desconhecido, o apaixonante e o amedrontador. Que as mudanças não sejam só empecilhos, mas potências de criação. E que o andar pela rua seja, então, uma forma de apreciar a vida, como ela é.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: a didática como criação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/edur/a/83mPDtP5xnCmMDF4tJch9RH/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2024.

A POPULAÇÃO negra em São Paulo: sobe para 5 milhões o número de pessoas que se reconhecem como pardos e pretos na cidade, segundo o Censo IBGE 2022. **Informes Urbanos**, São Paulo, 2024. Disponível em:
<https://capital.sp.gov.br/web/licenciamento/w/desenvolvimento_urbano/dados_estatisticos/informes_urbanos/368948>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BAUDELAIRE, Charles; DUFILHO, Jérôme; TADEU, Tomaz (org). **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2023.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2023.

BRANCO, Maria Luisa. O sentido da educação democrática: revisitando o conceito de experiência educativa em John Dewey. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32. n. 2. p. 599-610, 2010. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ep/a/qxbPqHT7wxWvrw4QLJkChdQ/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 20 out. 2024.

BROUGÈRE, Gilles; ULMANN, Anne-Lise. **Aprender pela vida cotidiana**. 1. ed. n. p. Autores Associados: [s.l.], 2013.

CIDADE dos Homens: Ep. 01: “A Coroa do Imperador”. 1ª temp. (15/10/2002). Publicado pelo canal Cidade dos Homens. [S.l.: s.n], 2024. (0:26). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=FWOJqtyAB8w&list=LL&index=2>>. Acesso em 20 dez. 2024.

CONSTRUÇÃO. Intérprete Chico Buarque. São Paulo: Universal Music Ltda, 1971. Spotify. (06:23). Disponível em:
<<https://open.spotify.com/intl-pt/track/3FluBxOxuQ6kYy8JO0gq2a?si=de9d80e84e514327>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

CARVALHO, Rodrigo Saballa; FOCHI, Paulo Sergio. Pedagogia do cotidiano: reivindicações do currículo para a formação de professores. *In: Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. Em Aberto*, Brasília, v. 30, n. 100, p. 23-42, set./dez, 2017. Disponível em: <<https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3212>>. Acesso em: 20 out. 2024.

A COROA do imperador. Diretor: César Charlone. *In: episódio da série televisiva Cidade dos Homens*. 1 vídeo (27 min). Brasil: Globo Filmes, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/hFKB8vnTr3Rv3z7qJ73TF4n/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2024.

COSTA, Fernanda Pereira da. Discutindo a Didática numa perspectiva transdisciplinar através da formação, do cotidiano e da memória. *In: XVII COLE - Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas/SP. Anais do 17º COLE*. Campinas: UNICAMP, 2009. v. 01. p. 02-652.

CRIOLO. 'Não existe amor em SP'? Perguntamos ao Criolo sobre a cidade que completa 466 anos. [Entrevista cedida a] Mariana Alvim. BBC News Brasil de São Paulo, [São Paulo], 24 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51231201>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOS SANTOS, Robson Alves; INFORSATO, Edson do Carmo. Aula: o ato pedagógico em si. *In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores didática geral*, p. 80-85, v. 9. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/584?locale=pt_BR>. Acesso em: 20 out. 2024.

FERREIRA, Gabriel Luis Bonora Vidrih; FERREIRA, Natália Bonora Vidrih. Direito à cidade: o papel do planejamento urbano. *Argumenta Journal Law*, [S. l.], v. 14, n. 14, p. 35–50, 2013. Disponível em: <<https://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/589>>. Acesso em: 20 out. 2024.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARCIA, George. ABC atrai muitos imigrantes e refugiados; a maioria latina, caribenha e afegã. **Repórter Diário**, 2023. Disponível em: <<https://www.reporterdiario.com.br/noticia/3276734/abc-atrai-muitos-imigrantes-e-refugiados-a-maioria-latina-caribenha-e-afega/>>. Acesso em: 20 jan. 2025.

GUEDES, C.; COELHO, A. M. A; COLTURATO, E. P. **Prevenção do suicídio no metrô de São Paulo**. Disponível em: <<http://files.antp.org.br/2019/10/9/prevencao-do-suicidio-no-metro-de-sao-paulo.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2024.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 2. ed. Paz e Terra, 1985.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

LORDE, Audre. Poet as Teacher — Human as Poet — Teacher as Human. In: **I Am Your Sister**. New York: Oxford University Press, 2009.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes. Por uma pedagogia da cidade: espaços, práticas e sensibilidades. **HOLOS**, [S. l.], v. 5, p. 105–115, 2016. Disponível em: <<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4683>>. Acesso em: 20 out. 2024.

NÃO Existe Amor Em SP. Intérprete Criolo. São Paulo: Oloko Records, 2011. Spotify (04:40). Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/0rnFIWFOfTRmVQVm28DK09?si=ddb2b83d9c8549b8>>. Acesso em: 20 out. 2024.

OLIVEIRA, Rayssa; MAGALHÃES, Luiz Antonio. Há algo além de lá: identidade, pertencimento e espaço narrativo em O céu de Suely. **Significação**: revista de cultura audiovisual, vol. 43, núm. 45, pp. 134-148. São Paulo: USP, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/111480>>. Acesso em: 20 out. 2024.

OLIVEIRA, Valesca Fortes de. Imaginário, cotidiano e educação: por uma ética do instante. **Cadernos de Educação**, n. 48, p. 18-31. Pelotas: UFPEL, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/4751>>. Acesso em: 20 out. 2024.

OLIVEIRA, Vanessa da Luz. O céu de Suely: o (des) encontro do ser com o lugar e consigo mesmo. **Revista ComSertões**, v. 5, p. 130-146. Juazeiro: UNEB/DCH, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/comsertoes/article/view/4295>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

O CÉU de Suely. Direção: Karim Aïnouz. Brasil, França, Alemanha: Downtown Filmes, 2006. 1 DVD (88 min).

O CÉU de Suely. Hermila Guedes e João Miguel, NOW. [S.l.: s. n], 2017. Publicado pelo canal Canal Brasil. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=z8kffq0RyR4>>. Acesso em: 20 out. 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Pesquisa Viver em São Paulo: Relações raciais. São Paulo, 2023. Disponível em:
<https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2023/10/221910_Viver-em-Sao-Paulo_Tematica-2_Relacoes-Raciais.pdf>. Acesso em: 20 out. 2024.

REDE NOSSA SÃO PAULO. Pesquisa Viver em São Paulo: Mobilidade urbana. São Paulo, 2023. Disponível em:
<https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Viver-em-Sao-Paulo_Mobilidade_completa.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

RODO Cotidiano. Intérprete O Rappa. [S.l.], Warner Music Brasil Ltda, 2003. Spotify (06:13). Disponível em:
<<https://open.spotify.com/intl-pt/track/16Q58TTMLWLx29LDIQApEm?si=d0fcac35e1b44b4d>> . Acesso em: 10 nov. 2024.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. **Preservação do patrimônio industrial na cidade de São Paulo**: o bairro da Mooca. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em:
<<https://repositorio.usp.br/item/001409027>>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade**: segregação urbana e racial em São Paulo. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

TADDEI, Angela. Muita guerra e alguma paz: análise de um episódio de Cidade dos homens. In: **Dossiê: Corpo, imagem e tecnologia**. Ciberlegenda, n. 21. Fortaleza: UFF, 2009. Disponível em:
<<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36627>>. Acesso em: 20 out. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto de. Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1740>>. Acesso em: 20 out. 2024.

VENHA até São Paulo. Intérprete: Itamar Assumpção. Compositor: Itamar Assumpção. São Paulo: Baratos Afins, 1994. 1 CD. Faixa 2.